

# ILUSTRAÇÃO



2.º ANO  
NUMERO 33

Lisboa, 1 de Maio de 1927

PREÇO  
4\$00

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

# VERAMON



KIRCHBACH



**Se sofre de dôres  
é porque o quer.**

Tomando um ou dois comprimidos de VERAMON-SCHERING desaparecerão rapidamente suas dôres da cabeça, dos dentes assim como os incomodos da menstruação. O Veramon não produz sôno, nem ataca o coração. Aceite só o empacotamento original: tubos de 10 e 20 compr. de 0,4 gr.

**Chemische Fabrik auf Actien (vorm. E. SCHERING.), Berlin N. 39**



**Preço: 20 por Esc. 6\$50**

**Qualidade: DE RESZKE**

Nestas palavras está resumido o caso do cigarro que alcançou o record da procura, no mínimo espaço de tempo. E' suficiente ouvir falar da existencia DE RESZKE *Virginia* para que todos desejem experimenta-lo e o veredicto do seu gosto justifica a sua fé.

Todos os cigarros que tem o nome DE RESZKE, devem ser o melhor da sua classe, senão o valor do nome — que até hoje não tem rival — ficaria prejudicado. É esta a garantia de que o *Virginia* DE RESZKE, conservará sempre as suas optimas qualidades.

# DE RESZKE

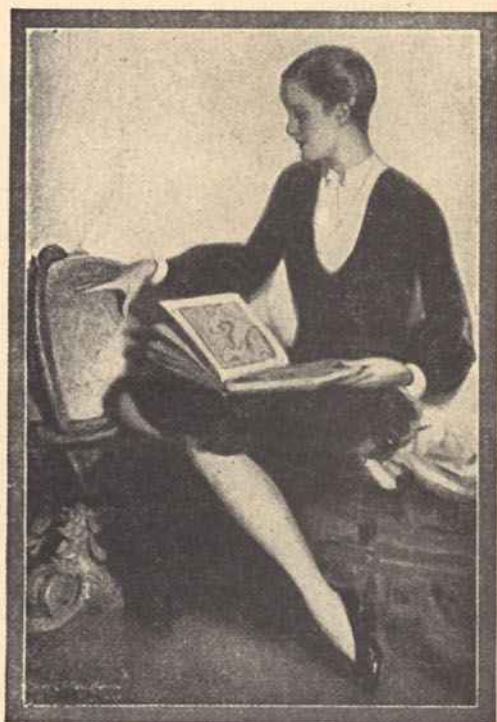
## “VIRGINIAS” e “TURKS”

A VENDA EM TODAS AS PRINCIPAIS TABACARIAS

		LISBOA	PORTO
Preço:	10 cigarros por .. ..	Esc. 3\$25	3\$50
	20 .. ..	6\$50	7\$00
	50 .. ..	15\$00	10\$00

Distribuidores em Lisboa: TABACARIA INGLEZA — Distribuidores no Porto: M.º CROBIE & PEIXOTO

# Leiam todos



MAGAZINE  
**BERTRAND**  
LEITURA PARA TODOS

Unico  
no seu género  
em Portugal

Acaba de publicar-se

# ○ 5.º Número

## CONCURSO LITERÁRIO

*Está decorrendo o prazo, que, abrangendo o período exacto dum ano, teve começo em 1.º de Outubro de 1926 e findará a 30 de Setembro próximo futuro, para os*

**ROMANCISTAS E NOVELISTAS PORTUGUESES**

*apresentarem seus trabalhos ao certame aberto nas páginas desta revista e para o qual instituímos dois prémios pecuniários de*

5.000\$00 cada um.

*As bases definitivas em que assenta este nosso concurso são as seguintes: 1.º — Só podem concorrer os livros originaes, de romances ou novelas, cujo texto exceda 200 páginas e, sendo de autoria portuguesa e edita los em Portugal, tenham vindo ou venham a lume dentro do prazo acima determinado; 2.º — Os editores desses livros terão de enviar-nos cinco exemplares de cada um deles, para serviço do júri que os classificará, escrevendo nitidamente no envólucro: «Para o Concurso Literário da Ilustração».*

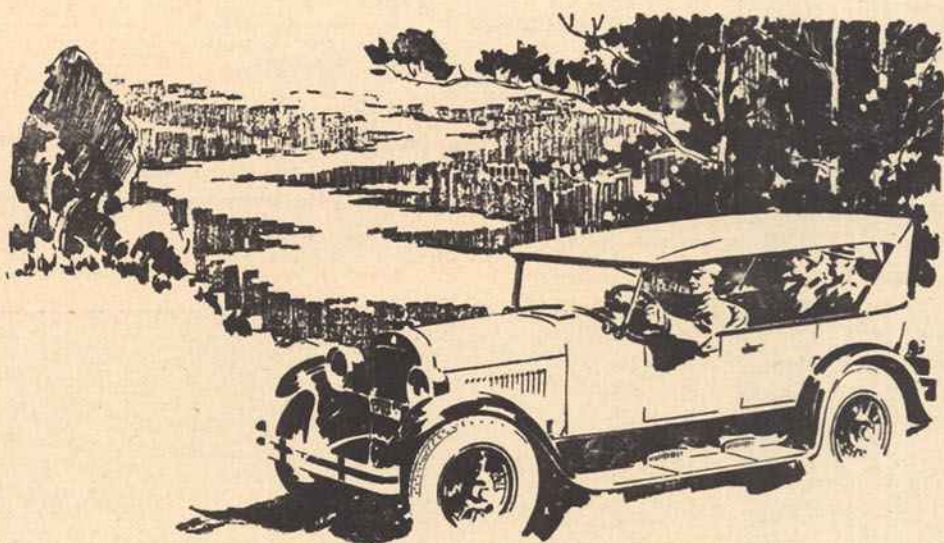
*Os dois referidos prémios competirão: um, à obra que um júri de consagra dos homens de letras eleger como a mais perfeita, já quanto*

*ao assunto, já quanto ao estilo; o outro, à obra que, mediante votação dos leitores desta revista, for indicada como a preferida do publico, ou seja aquella que mais profundamente impressionou seu espirito. Desta maneira, a critica e o publico usarão do direito, igual em ambos, de se pronunciarem sobre a matéria. Ajustar-se-ão suas sentenças, proclamando vencedora a mesma obra, em glória e proveito do mesmo e unico escritor? Improvavel mas não impossivel, tal hipótese, a verificar-se, não conteria a nota menos curiosa do nosso certame. O apuramento dos seus resultados será feito nas vizinhanças do 1.º de Dezembro deste ano de 1927, data em que, pela vez primeira, se vai celebrar em todo o Portugal a*

FESTA DO LIVRO,

*que é também iniciativa nossa e de cujo programa, ainda sob estudo, este Concurso não constitui senão um dos principais elementos.*

*Para o certame em referência, disputando seus prémios, inscreveram-se ate a data quatro livros, a saber: Solteiras e Sem Estado, ambos do sr. dr. Vaç Ferreira; Andam Faunos pelos Bosques, do sr. Aquilino Ribeiro; e Dever Sagrado, do sr. João Amaral Junior.*



## A Importancia Do Bom "Serviço"

Premer o botão do mecanismo de arranque do automovel com a certeza de que o motor responderá quasi instantaneamente, mesmo com o tempo mais frio,—carregar no pedal dos freios e achal-os em effeito immediatamente,—começar uma viagem longa convencido de que se chegará ao seu termo sem o contratempo de desarranjos mechanicos,—saber que o automovel fará bom serviço durante annos sem dispendiosas reparações!

Isto é que é serviço digno de confiança e é isto que o publico encontra nos productos Dodge Brothers—serviço perfeitamente satisfactorio, um dos fundamentos mais importantes da merecida reputação da marca Dodge Brothers.

BERNARDINO CORRÊA, L.D.A.

SECÇÃO DE AUTOMOVEIS

LISBOA—PORTO—LOANDA

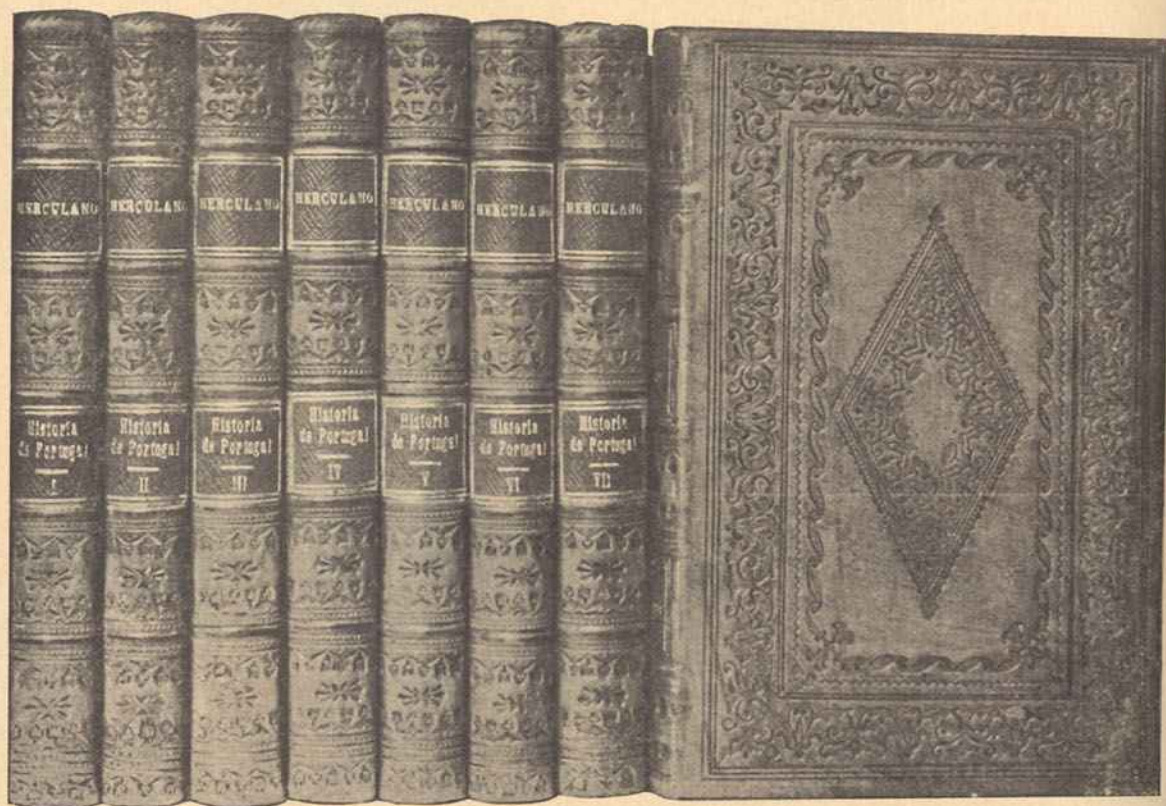
# AUTOMOVEIS DODGE BROTHERS

# HISTORIA DE PORTUGAL

POR

# Alexandre Herculano

EDIÇÃO ILUSTRADA



em 8 volumes no formato 12×18, impressos em esplêndido papel, publicando-se um volume mensal

**A SAIR EM MAIO O VOLUME I**

**Por assinatura:** o pagamento aos tomos faculta a quem o desejar, a aquisição desta obra monumental, pouco a pouco, sem qualquer encargo pesado.

**Preços em brochura:** Continente e Ilhas, sem mais despesas, cada volume: **Escudos 10\$00**

**COLONIAS PORTUGUESAS**  
PAGAMENTO ADEANTADO

Incluindo porte, embalagem e despesas de cobrança, etc.

Depois de publicados os 8 volumes, só se venderá a Obra completa pelo preço de Escudos **80\$00**

Os pedidos de assinaturas devem ser dirigidos aos Editores

**Livrarias Aillaud e Bertrand — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA**

# Ford

## Lincoln      Fordson

unicos agentes oficiais

# OREY, L. DA

Rua 24 de Julho, 42 LISBOA Telefone: Central 97

### IMPORTANTÍSSIMA BAIXA DE PREÇOS

Tourismo de 5 lugares:  
**14.500\$00**

Sedan de 5 lugares:  
**18.500\$00**

**Tractor: 14.800\$00**

Camionete 1000/1500 k.<sup>os</sup>  
**11.750\$00**

Camion 2000/2500 k.<sup>os</sup>  
**20.000\$00**

Todas as unidades "FORD" são munidas do vaporizador Holley, para poderem trabalhar a Petroleo, tornando-se os carros mais economicos da actualidade

OREY, L. DA tem actualmente o maior stock de peças "FORD", autenticas, do Paiz

Ninguém compre sem consultar o unico agente oficial Orey, L. da para evitar adquirir peças falsificadas

Material agricola Ferguson e Moline

Fabrica de Carrosseries para Camions e Camionetes

Caixas de quatro velocidades Ruckstell para carros e camions "FORD"

Os  
autenticos  
**Saes de Fructos**  
**"SIGLA"**

os unicos que não amargam, nem irritam e são superiores aos seus similares.

Vendem-se nas boas farmacias

Exijam esta marca



Deposito geral: FERREIRA & NEVES L.<sup>da</sup>  
R. dos Bacalhoeiros, 121, 2.<sup>o</sup>  
LISBOA  
T. G. 268



**A PHOSPHATINE FALIÈRES**

misturada com o leite é o alimento o mais agradável e o mais recommendado para as creanças desde a idade de 7 a 8 mezes sobretudo ao momento da abiacção e durante o periodo da crecção.

Util aos estomagos delicados, aos velhos e aos convalescentes.

Maison CHASSAING (G. PRUNIER & C<sup>o</sup>), 6, Rue de la Tacherie, PARIS



PETROLEO

M. d. P.

**HAHN**



PARA O CABELO

Loção fortificante e regeneradora, indispensavel para limpeza, aformoseamento, conservação e desenvolvimento da cabeleira

FRASCO GRANDE 24\$00 FRASCO PEQUENO 17\$00  
VENDA POR GROSSO

Agentes depositarios: J. DELIGANT, L.<sup>da</sup>  
15, RUA DOS SAPATEIROS — LISBOA

**Aspirador de Pó SIEMENS-**  
**"PROTOS"**



**O Aspirador de Pó Siemens-"Protos"**

obteve o 1.<sup>o</sup> PREMIO  
em prova de qualidade

o melhor e mais perfeito em todos os sentidos

Consumo por hora 150 vatios  
25 centavos aproximadamente

**Preço: Escudos 900\$00, completo**

**CABELOS BRANCOS** PREPARADO SCIENTIFICO  
Usado por muitos medicos



Lustino, é o unico preparado scientifico de combinações organicas vegetal, que devolve aos cabelos a sua cor primitiva. Os efeitos deste espedico são tao interessantes que muitos distintos medicos o usam e o indicam na sua clinica.

Uma caixa pode ser usada por três ou mais pessoas ao mesmo tempo, e se uma leve o cabelo preto, outra castanho e outra leuro a cada uma dará a sua cor primitiva com toda a naturalidade! Aplica-se por gotas pequenissimas doses; torna-se por isto mais economico de que um produto, cuja applicação tenha de ser em maior quantidade e de demorados efeitos.

CAIXA 75\$00 e 50\$00

Remete-se pelo correio

VENDAS:

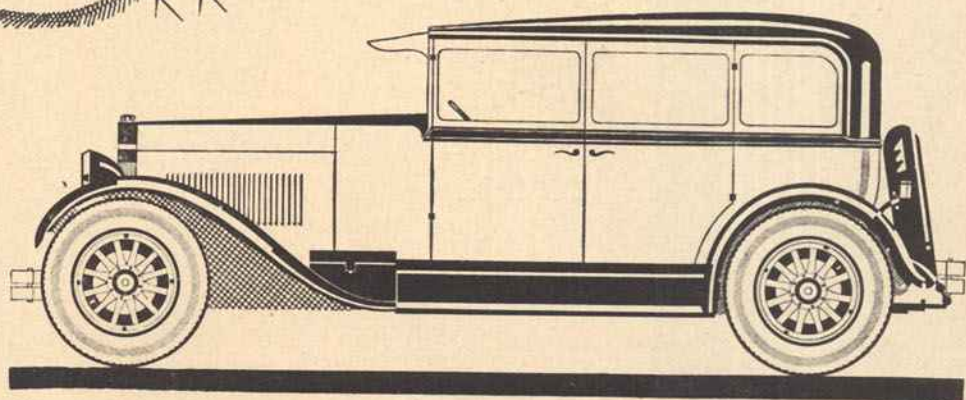
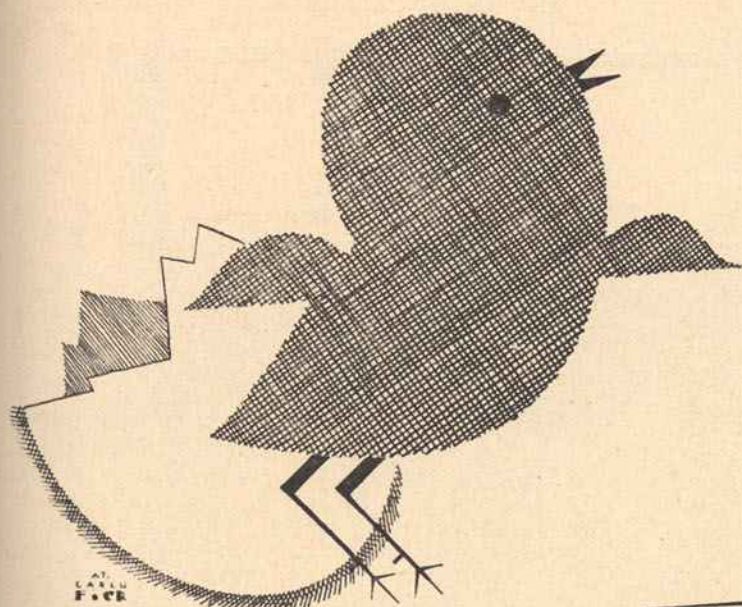
Deposito-R. da Prata, 272-LISBOA  
Laboratorio Portugues de Produtos de Higieno  
PORTO — Rua Alegria, 779

**Preciosidade Bibliografica**

Um livro de 1570 — O primeiro atlas geografico que se compillou — *Theatrum Orbis Terrarum* — por Abraham Ortelius; primeira edição colorida à mão e com iluminuras. O texto é em latim, explicando 93 mapas elaborados em Antuerpia, a documentar toda a sciencia do tempo que a arrojada viagem de Fernão de Magalhães, já havia lançado em novas concepções de cosmographia. — Vende-se e dão-se informações nas

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND





O novo descendente duma raça famosa o carro que se destaca pela sua elegancia. O carro pratico por escelencia.

*6 cilindros - 12 HP - 5 logares - 100 km. á hora  
10 aos 100 kilometros.*

O Erskine Six, vedeta incontestavel das Exposições de Paris e Londres, o primeiro carro de caracteristicas europeias construido na America, alia á robustez e longevidade, qualidades que tornaram a construção Studebaker universalmente reputada, os requintes da tecnica mais moderna e a distinção duma obra d'arte.

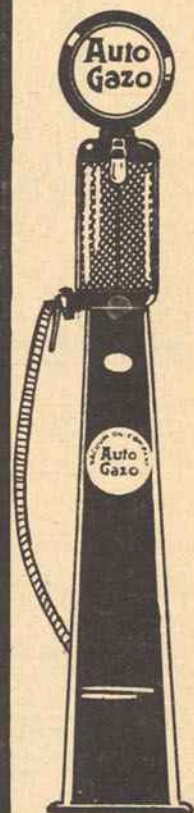
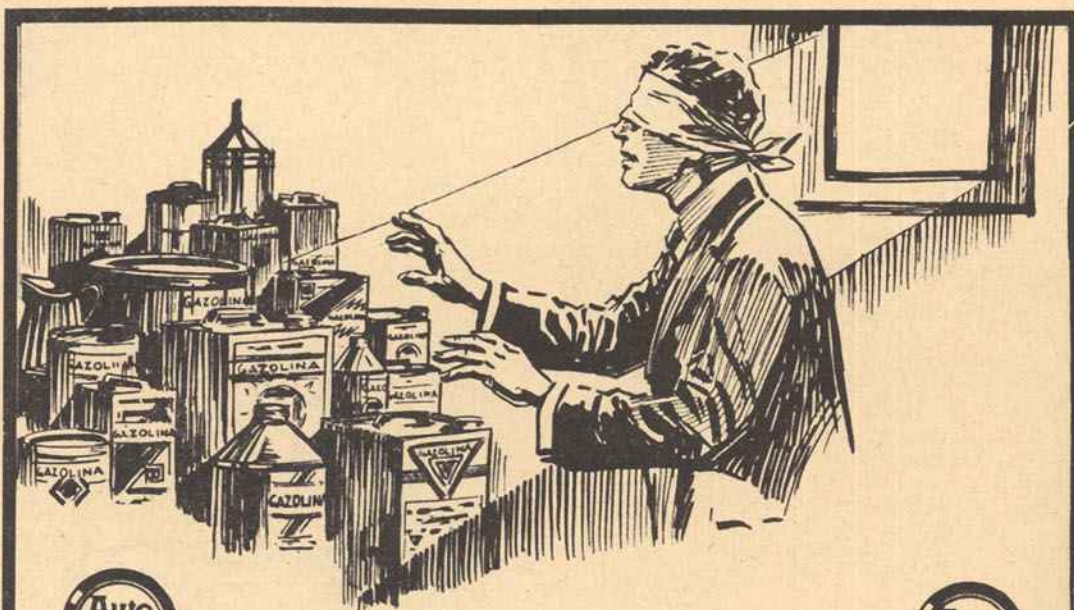
# ERSKINE SIX



E. A. 41

C. SANTOS, LD<sup>ª</sup>.

LISBOA - Rua Nova do Almada 80, 2.  
PORTO - Praça da Liberdade  
Edifício da Nacional.



## **AUTOMOBILISTAS!** NUNCA COMPREM GASOLINA ÀS CEGAS.

Uma gasolina qualquer não pode dar os bons resultados que V. Ex.<sup>a</sup> espera tirar do seu carro.

Um bom automovel merece uma gasolina de qualidade superior e um carro usado exige-a.

Cada gôta de AUTO-GAZO representa mais força no motor e mais entusiasmo pelo automobilismo.

O seu carro andará melhor se V. Ex.<sup>a</sup> empregar so

# **Auto-Gazo**

a gasolina  
que inspira  
confiança



### **VACUUM OIL COMPANY**

15, RUA DA HORTA SECA, 17-LISBOA

TELEFONE 980 TRINDADE (7 LINHAS)



# **Mobiloil**

*Guie-se pela nossa tabella de recommendações*



COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIP. DA EMPRESA  
DO ANUÁRIO COMERCIAL

P. dos Restauradores, 24—Lisboa

# ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:

AILLAUD, L.<sup>DA</sup>

R. Anchieta, 25—Lisboa

DIRECTOR:  
JOÃO DA CUNHA DE EÇA

DIRECTOR TÉCNICO:  
FELICIANO SANTOS

ANO 2.<sup>o</sup>—NÚMERO 33

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

1 DE MAIO DE 1927



NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE FÁTIMA

CONFORME O COSTUME DOS ANOS ANTERIORES, É NO PRÓXIMO DIA 13 QUE SE REALIZA A PRIMEIRA PEREGRINAÇÃO DO ANO  
A CHARNICHA DE FATIMA, AO LOCAL, CONHECIDO POR COVA DA IRIA, ONDE SE ERGUE A CAPELA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO,  
QUE A PIEDADE CONSAGROU COMO PONTO DE ROMAGEM AUREOLADO PELO PRESTÍGIO DO MILAGRE

## CRÓNICA DA QUINZENA

CADA povo tem, num dado momento da sua vida histórica, um problema que a todos sobrepõe em importância, porque todos resumem e sintetiza.

Constituídos em corpo de nação, violentamente separados de Castela, o nosso problema nacional, durante três longos séculos, consistiu em tornar firme a nossa independência. Nessa tarefa consumimos tanta energia, e realizamos tais feitos, que nenhuma página da história dos grandes povos é mais gloriosa que essa nossa, escrita com a ponta da espada, que era a pena com que habitualmente se escrevia naqueles tempos heroicos e bárbaros.

Veio depois a era das descobertas e conquistas, e então o nosso problema nacional consistiu em descobrir novos mundos, em conquistar outros povos, criando assim um império colonial, vasto como nenhum outro, e como nenhum outro difícil de manter num equilíbrio durável. O nosso problema nacional passou então a ser bem diverso do que fôra até aí. Terminara o ciclo das aventuras, dos sucessos épicos. Tratava-se agora, muito simplesmente, muito comecinhamente... de administrar. O continente era pobre, mas as colónias eram ricas, e uma parte dessa riqueza, trazida para cá, faria a nossa fortuna, garantiria, no tocante a necessidades de ordem material, a nossa felicidade. Não soubemos, tirar proveito das façanhas homéricas, e aconteceu-nos então como a certos fidalgos estroinias — abandonam ou alienam os bens que poderiam sustentá-los, e guardam, apenas, com enternecido carinho, os títulos de nobreza, que só lhes sustentam... as propriedades.

Em 1580, enfraquecidos pela desastrosa aventura de Alcacer Kibir, enrolados numa intrigalhada de direitos dinásticos, sem elevação nos espíritos, sem nobreza nas almas, caímos sob o domínio da Espanha, que só então conseguiu reunir sob o mesmo sceptro todos os povos da Península Ibérica. O nosso problema nacional passou então a ser este — reconquistar a independência e autonomia da Pátria.

O primeiro de dezembro, foi o amanhecer breve duma noite longa, uma grande noite de sessenta annos. Em combates sucessivos, durante um quarto de século, afirmámos aquelas qualidades másculas, de bravura indomita, de que tínhamos dado mostras em luta com Castela, nos últimos séculos da Idade-Média. Vencemos, reconquistámos o nosso lugar no concerto das Nações europeias. Já então nos tinha invadido a lepra jesuítica, já o polvo da Companhia de Jesus nos apertava com seus tentáculos. De modo que Pombal, o grande Sebastião José de Carvalho precisou expulsar Loyola, em nome da salvação de Portugal. Ele bem percebeu, o grande reformador, glorificado na história entre Aranda e Colbert, que a sua obra seria estéril se a mentalidade portuguesa con-

tinuasse a ser dirigida, isto é, deformada pela milícia tenebrosa de Santo Inácio. Vê-se agora, a distância de quasi dois séculos, como os seus receios eram fundados e como a sua previsão era justa.

Nos princípios do século passado fomos invadidos pelos exércitos de Napoleão, que pretendia realizar contra a Inglaterra o famoso *bloqueio continental*. Tratava-se, mais uma vez, da nossa independência, que os ingleses nos ajudaram a defender trabalhando... *pro modo sua*, visto como os nossos fiéis aliados nunca dão ponto sem nó. A política que então nos impôs a Inglaterra preparou a emancipação do Brasil, mas o terrível Corso, açote da Europa, na velha e pitoresca linguagem, não conseguiu pôr aqui, no trono de Afonso Henriques, um qualquer dos seus parentes ou generais.

Expulsos os franceses, assegurada a independência da Nação, travou-se o pleito entre o Despotismo já caduco e a Liberdade ainda balbuciente, entre o velho direito absolutista e o moderno direito constitucional. A revolução de 20 criou a indispensável condição para esse pleito se resolver sem violências de maior, e as subsequentes *Cortes Gerais* formularam o estatuto jurídico da Nação, desembaraçada dum regime politico que era uma sobrevivência bárbara. Iludida a solução lógica e racional do momento pleito que era, no momento, o problema nacional, veio elle a ser resolvido, definitivamente liquidado em Evora Monte pela derrota de D. Miguel. Desde então até 52 a vida nacional é uma agitação constante, uma desordem em familia, os homens e os partidos acusando-se com ódio, dilacerando-se com fúria, muitas vezes sem dignidade.

O problema nacional era então, conforme o definiu a Regeneração, um problema económico. Não tínhamos indústrias, não tínhamos agricultura, não tínhamos estradas, não tínhamos caminhos de ferro. Também não tínhamos Exército, nem Marinha, nem escolas, mas para os homens daquele tempo só contavam as categorias económicas, em cujo quadro ou elenco não incluíam estes elementos ou factores da vida social. Como também não tínhamos dinheiro, e as obras, quaisquer que elas sejam, não se fazem de graça, lançámos-nos doidamente no caminho dos empréstimos, criando uma dívida pública de grandeza desmesurada.

Durante os reinados de D. Luis e D. Carlos, sobretudo durante o reinado de D. Carlos, desencadearam-se as paixões e consequentes lutas políticas até quasi ao desvairamento, paixões mesquinhas, porque eram a rivalidade entre pessoas ambiciosas, lutas sem uma finalidade nobre, porque visavam tão somente a conquista do Poder. Nos últimos annos do reinado de D. Carlos os governos não tinham força, porque não tinham autoridade; os Parlaentos não tinham prestígio, porque não tinham competência. Não havia, no rigoroso significado das palavras,

administração pública; havia expedientes de ordem administrativa, inspirados no desejo ou necessidade de manter as clientelas partidárias, famintas e sem escrúpulos. A vida pública era a desordem, e diziam os corifeus da Realeza que era também o crime. A ditadura franquista, que a desagregação dos partidos constitucionais tornara inevitável—essa ou outra—tornou possível o regicídio, convindo notar que antes do assassinato do Rei e do Príncipe já nos espíritos e nas consciências a Realeza tinha morrido. O problema nacional, na primeira década do século corrente, era iminentemente politico. Ele absorvia, dominava todos os outros problemas da vida portuguesa, nenhum dos quais se poderia resolver satisfatoriamente sem que primeiro elle fosse resolvido.

A revolução de cinco de outubro teve incontestável oportunidade historica, e realizou uma aspiração nacional, que nuns incarnara como idea, noutros como sentimento, e a todos, pode dizer-se, se impunha como remédio a um mal crescente, que ia corroendo o organismo nacional, já atacado nos elementos nobres que o constituem. Por outras palavras, e sem nenhuma paixão de sectário—o movimento revolucionário de 1910 resolveu o problema nacional de então, que era, na sua substancialidade, um problema politico.

Certo é que ao cabo de sessenta longos annos de República o País se encontra numa situação económica que é a miséria; numa situação financeira que é a ruína, sem indústrias e sem agricultura, sem estradas e sem caminhos de ferro. A percentagem de analfabetos é apavorante, considerando apenas como analfabetos os individuos para quem o saber ler e escrever é um misterio impenetravel como o da Santissima Trindade. Faltam-nos Escolas, e a desordem no ensino, em todos os seus graus, é tamanha, que bem se pode afirmar ser elle o pior ramo da nossa burocracia, lamentavelmente incapaz. Continuamos a ser tributários da Inglaterra em muitos milhares de contos que lhe compramos de carvão, em cada ano, e as nossas quedas de água, algumas de superior valia, como no Douro, continuam desaproveitadas, como se delas não precisássemos.

Pois bem; o problema português, na hora que passa, quer-nos parecer que não é económico ou financeiro, mas pura e simplesmente moral e pedagógico. Andam muito de rasto os espíritos, e as consciências chafurdam no atoleiro, perdida a noção do brio, profundamente obliterados os sentimentos de altivez, de independência e dignidade. A vileza dos homens corresponde a *effronterie* das mulheres, baralhadas as mais elementares noções de Moral, endeusado o Vicio proteiforme, postergadas até as práticas de cortezia e delicadeza que são, na maioria dos casos, a exteriorização dum carácter bem formado.

Tal é, em nosso entender, o problema nacional, na hora angustiada que passa. Como resolvê-lo?

## ACTUALIDADES

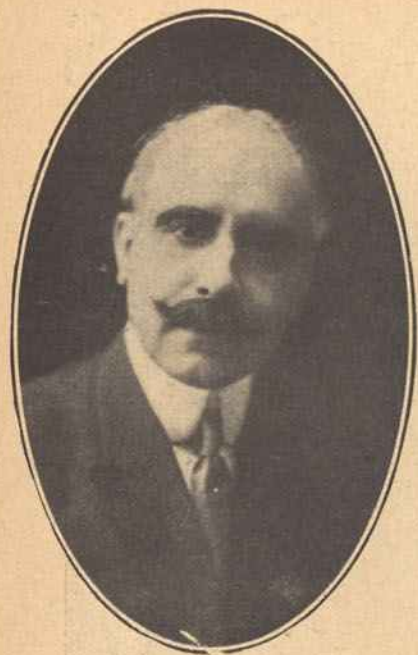


O BANQUÊTE OFERECIDO AO CORPO DIPLOMÁTICO PELO SR. MINISTRO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS — No dia 19 do mês findo realizou-se no salão nobre do Ministério dos Negócios Estrangeiros um banquete oferecido ao Corpo Diplomático pelo sr. Dr. Bettencourt Rodrigues, ilustre ministro dos Negócios Estrangeiros. Esta festa oficial revestiu um especial relevo, tendo a ela assistido o Núncio Apostólico e todos os Embaixadores e Ministros Plenipotenciários acreditados em Portugal.

MAJOR DUVALLE PORTUGAL — Na Escola Académica realizou-se, em 23 de Abril último, uma festa de homenagem ao major, sr. Duvalle Portugal, o valoroso tripulante do «Argos» que sacrificou a sua cota parte de glória na viagem daquele avião, para facilitar a realização da travessia do Atlântico. A festa, que decorreu com grande brilho, presidiu o sr. Presidente da República, tendo usado da palavra o sr. Manuel Rodrigues Loureiro e o homenageado, que leu uma interessante carta do major Sarmiento de Belres, narrando a travessia nocturna do «Argos», de Bolama a Fernando Noronha



ADRIÃO CASTANHEIRA — Promovido pelos professores e alunos da Escola Industrial de Fonseca Benevides, realizou-se no dia 21 do mês findo um almoço de homenagem ao ilustre professor e director daquela Escola, sr. Adrião Castanheira, tendo-se trocado afectuosíssimos brindes. Depois do almoço, realizou-se no edifício da Escola uma sessão solene, também em homenagem ao sr. Adrião Castanheira, em que usaram da palavra diversos professores e o representante do sr. ministro da Instrução. No átrio do edifício foi inaugurado um medalhão do homenageado



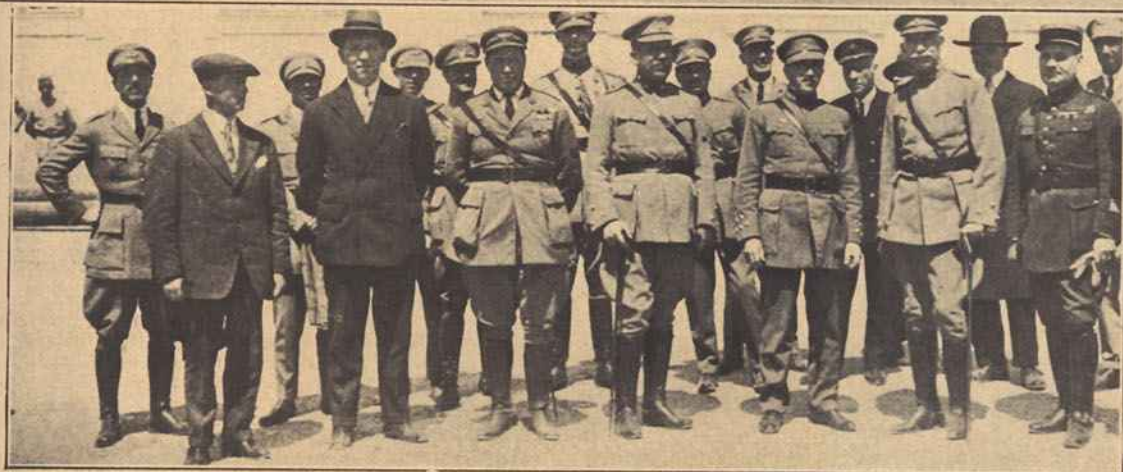
DR. JÚLIO DANTAS

O ilustre escritor e acadêmico, sr. dr. Júlio Dantas, que em missão oficial visitou recentemente a Inglaterra, acaba de acrescentar à sua vasta obra um novo e interessantíssimo trabalho, que constitui o volume intitulado «Cartas de Inglaterra».



DIAS EXPOSITIVOS. — Em 10 de Abril último inaugurou-se no edifício da Sociedade Nacional de Belas Artes a exposição anual da mesma Sociedade. A nossa gravura representa o sr. Presidente da República, na visita inaugural, acompanhado de alguns dos membros daquela Sociedade. — No Museu do Carito foi inaugurada, em meados do mês findo, uma exposição de cerâmica artística executada sob a direcção dos distintos artistas Leopoldo Bastistini e Viriato Silva. A nossa gravura representa um grupo de assistentes à inauguração, entre os quais o sr. ministro de Itália e sua esposa.

## ACTUALIDADES



Em cima: — Os passageiros estiveram há dias em Lisboa várias individualidades de destaque na vida social, política e religiosa do Brasil. A nossa gravura representa um grupo feito no café de embarque, em que figuram, entre outros, os ares: Sousa e Vasconcelos; Dr. Franklin de Almeida, secretário da Embaixada em Lisboa; Cipriano Lago, Inspector de Consulados; Alves de Sousa, secretário da Embaixada do Brasil em Paris; S. Ex.ª Rev. o arcebispo coadjutor do Rio de Janeiro, Sebastião Leme; Dr. Regis de Oliveira, embaixador do Brasil em Londres; Rev. Odeia, secretário de S. Ex.ª o arcebispo; Dr. Lafayette de Carvalho e Silva, encarregado de negócios do Brasil em Lisboa e Amilton Pires, consul. — Em baixo: O aviador francês, capitão Marcel Heugelin, com os aviadores e oficiais portugueses que assistiram aos seus arriscados exercícios na Escola de Aviação de Sintra

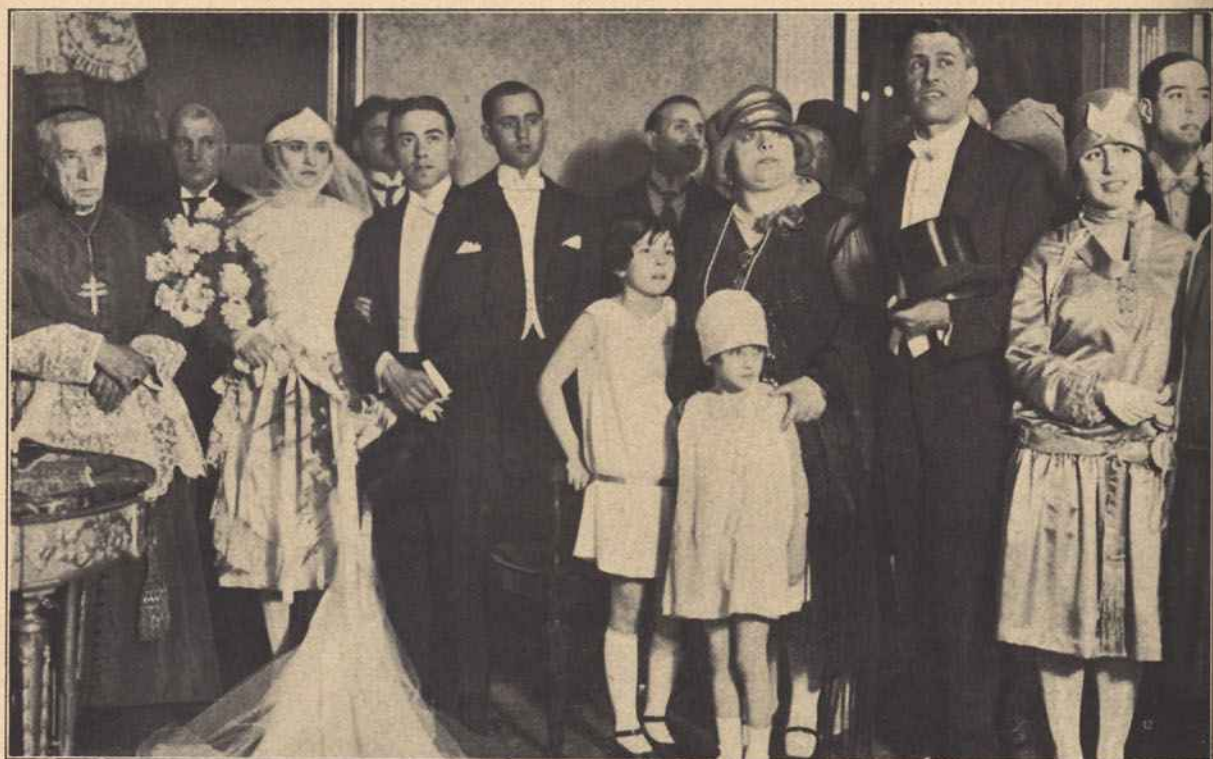


A PRIMAVERA DAS «MISS» — Depois das «miss» Portugal, França, Luxemburgo e Itália, que ocuparam as atenções neste começo de primavera, vem «Miss Lisboa», interpretada gentilmente pela actriz Luísa Durão, na revista «Secretário dos Amantes», em cena no Teatro Saldos Foz



EXERCÍCIO ACADÉMICO — No dia 22 de Abril findo, partiu de Lisboa, em visita de estudo e diversão aos Açores, um grupo de estudantes da Faculdade de Medicina do Porto, que teve, por parte dos seus colegas de Lisboa, uma afectuosa despedida

# SOCIEDADE ELEGANTE



Na capela do Paço Patriarcal, realizou-se no dia 20 do mês findo o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Helena Emília Teixeira de Sousa Costa, gentil filha da ilustre escritora sr.<sup>a</sup> D. Emília de Sousa Costa e do consagrado homem de letras e nosso querido colaborador, Dr. Alberto de Sousa Costa, com o sr. Dr. António Mendes Belo Correia. Foi celebrante S. E. o Cardeal Patriarca

Na capela da residência da sr.<sup>a</sup> D. Eugénia de Lemos da Silveira Viana realizou-se o casamento de sua gentil neta, a sr.<sup>a</sup> D. Maria José de Mac-Mahon Wrem da Silveira Viana com o sr. Nuno Pereira de Saude Sacadura Botte Côrte Real, primeiro tenente da Armada, tendo sido celebrante o Rev. prior de Ilesha.



## DESPORTOS

## HOCKEY EM CAMPO

O III CAMPEONATO DE LISBOA

Organizado pela Federação Portuguesa de Hockey, terminou já o campeonato de este ano, ganhando brilhantemente em 1.ª e 2.ª categorias pelo Sport de Lisboa e Benfica.

O calendário dos jogos foi organizado de maneira que, a última jornada do campeonato colocara frente a frente o Benfica e o Hockey Club de Portugal com igual número de pontos, apresentando pois este desafio um verdadeiro aspecto de final.

O Benfica bateu o seu adversário pelo «score» de 3 goals a 0, resultado este que não traduz bem o decorrer do jogo pois que, a diferença entre os dois grupos não é de molde a que se verifique tal resultado.

O jogo não foi bom ainda que fôsse sempre conduzido com grande animação e energia. Jogou-se duro, houve bastantes «fouls» e se não fôsse a arbitragem acertada de Estarreja e Harley, mais duro se teria jogado.

A técnica dos grupos portugueses é ainda quasi nula. Muito gás, muita rapidez, muita vontade, mas muito pouco jogo.

É raríssimo assistirmos a uma avançada conduzida em conjunto, obra de todo o «team.»

Os «goals» são sempre o resultado de fugas dos avançados, as quais certamente tem grande merecimento, mas pena é que os nossos grupos não procurem fazer um jogo de passagens, evitando o corpo a corpo e abrindo o jogo.

Joga-se em monte, joga-se hockey com o corpo, como se fôra foot-ball, quando se deveria justamente procurar evitar o mais possível o choque entre adversários. É preciso distinguir o Hockey do Foot-ball, que são dois jogos inteiramente diferentes.

O grande mal dos nossos jogadores é justamente terem todos eles jogado foot-ball e

realizarem aquilo que as leis dêste jogo permitem, mas não o permitem as leis do Hockey.

A grande maioria dos jogadores, estamos convencidos de que o não faz propositadamente, mas adquiriram esses defeitos, ou melhor, esses vícios, que difícil se torna corrigir enquanto não houver entre nós uma escola, na qual se

formem jogadores desde novos e se eduquem dentro das boas normas.

Aos árbitros compete também, em grande parte, o apontar aos jogadores os seus erros, pois que se o fizerem, marcando sempre a respectiva falta, contribuirão grandemente para que acabem certos «fouls» que hoje muitos julgam não o serem.



O «team» do Sport de Lisboa e Benfica, vencedor do campeonato



Uma movimentada fase do animadíssimo desafio

Há quem nos tenha objectado que se assim fôra, o jogo estaria constantemente a ser interrompido e perderia muito com isso.

Isso seria realmente assim nos primeiros tempos, mas temos a certeza de que pouco a pouco esses erros desapareceriam, pois que quem os comete é sempre prejudicado.

Outro ponto que queremos frisar é o dos terrenos onde se pratica o Hockey entre nós.

Não possuímos um único onde se possa jogar convenientemente e os clubs tem a obrigação de olhar para isto com muito cuidado, pois é este um dos factores mais importantes para o bom êxito e desenvolvimento dêste sport entre nós.

Devem lembrar-se de que tem este jogo muitas qualidades para se tornar popular entre nós. Basta dizer-se que a assistência ao desafio Benfica-Hockey, foi calculada em mais de 3.000 pessoas. Isto constituiu um verdadeiro sucesso para aqueles que, como nós, dedicam o seu melhor esforço e boa vontade à causa desportiva.

Antes de terminarmos estas considerações, queremos saldar o popular club das Amoreiras e em particular o director da sua secção de Hockey, sr. Vitor Lemos, pelo grande triunfo alcançado para as cores do Club.

Ganharam e ganharam muito bem, pois que a sua vitória é o produto de um trabalho activo, disciplinado e muito bem orientado.

São todos jogadores correctos, bons desportistas e dizendo isto nada mais temos a acrescentar.

Ao Hockey Club de Portugal, 2.º classificado do campeonato, enviamos também as nossas felicitações pelo lugar alcançado e pelo muito que tem também contribuído para o desenvolvimento do Hockey.

ILUSTRAÇÃO

# O BRASIL DE HOJE

## ESTADO DE S. PAULO

Transcorre hoje, exactamente, o terceiro aniversário do governo do Estado de S. Paulo, que é o estado *leader* do Brasil, do grande Brasil actual, próspero e cheio de futuro, cada vez maior.

Sob a presidência do sr. Dr. Carlos de Campos e tendo como titular da Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, o sr. Dr. Gabriel Ribeiro dos Santos, a expansão económica do Estado de S. Paulo tem ido num aumento digno de registro. Os factos mais complexos que sempre colocam os governos em dilemas difíceis, são resolvidos por S. Ex.<sup>ta</sup>, com segurança e clarividência, sem tergiversar princípios, sem diminuir direitos, sem melindrar interesses.

Faz-nos lembrar, falando em democracia, aquele grande homem de governo da terceira república francesa, que foi Grevy, o democrata por excelência, que não deixou de ter como sua, a habitação da água-furtada daquele prédio do Quartier Latin e que tinha para todos os amigos de infância e de Universidade, propagandistas da república e rebeldes ao império, o mesmo sorriso, acompanhado do mesmo abraço para todos, sem menoscabo ou enfatução.

O maravilhoso progresso de S. Paulo, coloca a sua capital, como uma das grandes cidades do mundo. A remodelação completa, feita em menos de vinte anos, repre-



Um dos novos arranha-céus



Teatro Municipal e Hotel Esplanada



DR. GABRIEL RIBEIRO DOS SANTOS  
Secretário da Agricultura

senta a ânsia patriótica de que é dotado o paulista, para criar, engrandecer e nacionalizar por completo, os produtos do seu estado.

O valor da exportação anual dos produtos paulistas, para os outros estados, passa de 300.000 contos.



DR. CARLOS DE CAMPOS  
Presidente do Estado



Praça da Catedral e prédio onde funciona o Teatro Santa Helena



A. ANDRADE—O Pântano

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

## FONTE SANTA

A AQUILINO RIBEIRO

Um ano predestinado a eventos graves! Epidemias caíram sobre a população das aldeias; a Grande Guerra estalara na Flandres e na Africa, num delírio de morticínios; e já, sob a inclemência duma estiagem estonteadora, parecia que a fome avançava a passos de gigante, —faceta derradeira dessa formidável trilogia da Dor!

O inverno fôra parco de águas, de maneira que as nascentes, mesmo as mais vigorosas, desincharam seu volume, mirrando-se a cada hora de soalheira como os doentes de tísica galopante em cada turno de um dia.

Sob a joieira de brazos do sol, a aldeia inteira clamava e gemia, de olhos virados à abóbada impassível, pedinchando misericórdia para gados, hortejos e pomares, a estiolarem-se nos deliquios queimantes da luz. E à hora estupenda do meio dia, a crosta terráquea, exalando bafos ardentes, dava a impressão de um peito núbio arfando, sufocado pela onda imensa de calor.

Oh, os extraordinários poentes abraçados!

Corria sangue pelas veias do Ar, sangue de matadoiro, fumegante, tingindo de cinábrio arvores e casais, banhando num rúbido mar os montes, como ilheus, e trazendo ao suor de cada fronte, pelo reflexo, um avermelhado de agonia que faria supor uma verónica em cada lenço.

A Natureza mostrava um ar extático de canceira funda. Não boliam ramas, nem vozidos. Tudo parecia esperar, como uma bênção divina, o pára-sol de veludo negro da noite onde sofredamente se amaciavam os ardores.

E não sei bem que impressão as estrélas davam quando a anciada noite vinha: se rasções no pano tenso da umbela protectora, se fúdlhas soltas da forja exaustante do dia!

A aragem, se corria, era o sópro de um fole por cima de uma chama. Até o orvalho das madrugada, tão caro às fôlhas ressequidas, se evaporara na grande curva de ardózia do firmamento, que de todo perdera o aspecto lustroso de sedinha, e semelhava, nas labaredas da sesta, curveteado em aço.

O sr. P.º Francisco, (que era um razoável proprietário), já passeára mesmo pelas ruas o Santíssimo, em procissão, com a solenidade do pálio dourado e da casula rica. Em poz dêle, a gente rústica entoava ladainhas, choraminga-

das ao ouvido pouco vibrátil do Senhor, na esperança de que Ele se decidisse a dar aos campos a água necessária para as plantas medrarem.

Foi essa uma tarde típica da aldeia. Ainda vejo as faces terrosas dos bons campônios, modeladas numa dor funda, as máscaras, de rugas fortes, bem vincadas, lado a lado das mulheres, que, desgrenhadas, desfiavam convulsamente rosários, umas descalças, outras osculando, por aviltante humildade, as próprias pedras dos caminhos.

O gordo pároco, cujas côres normalmente rubicundas de saúde se mostravam fanadas pela insónia, não ocultava a grande mágua ao mirar as suas courelas definhadas.

A nave taciturna e grave da tardinha, tóda erguida em góticas arcadas de púrpura sobre o vale amodorrado, enchia-se daquele rumor de entéro vivado por carpideiras, *ad petendam pluviam*.

Pelas janelas esconsus dos casebres, velhinhas benziam-se, beijando ao cubo o polegar da mão direita, alevantando os olhos ao céu ardido, ao céu congestionado, querendo, com suas lágrimas, tornar o orvalho aos eidos ramescões e às leiras devastadas.

Depois da Feste, — a Guerra! Depois da Guerra, — a Fome!

P.e Francisco rebelava a sua obesidade eclesiástica pelas escabrosas azinhagas de pedra solta, impando de cansaço, bufando de calor, não obstante o respeito havido pelo símbolo bendito que transportava em suas mãos.

A volta fôra longa, pela vontade que o reverendo tinha de chamar os favores do céu sobre tódas as suas *propriedades*.

Esfogado de canseira, escalmorrado do cáldio sol-posto, o vigário, com a semi-cerimónia aldeã de quem muito priva com Deus, houve por bem sentar-se num banco de pedra, à sombra dum alto rochedo sobranceiro ao povoado, rochedo que erguia no tópo o muro branco duma horta.

Nesse penedo solene havia, assinalado a cal em certa concavidade suave, um lugar sagrado: o santo padroeiro da aldeia aparecera ali numa remota manhã de primavera imaginosa, teimando em ter na freguesia uma excelente igreja com a respectiva côrte de fiéis.

Vinha de eras longinhas a tradição, e em verdade a freguesia pagava de sobra ao santo simpatia tão grande.

O sacristão, de barba forte a pungir numa pele de tomate, cabelo à escovinha, um lenço encarnado e amarelo pendendo da algeibera da batina, pousou também, impando, o turbulo fumegante. E enquanto dos campos vinham, com o odor das terras enfiadas de sol, ladrões de cão impertinentes, e do grupo se despejava um nauseante cheirum a transpiração humana, (o perfume da *virtilidade civica*, dizia-me um dia, sensibilizado, um poeta democrata...), rumorejava, tal qual um vento agreste esbracejando em quilómetros de pinhal, a ladainha chorada a que a voz do padre, temerosamente, punha trovões nos solos.

A paisagem desdobrava-se num vasto anfiteatro limitado ao fundo por uma corda de montes, e até ao vale, onde a aldeia branca enlanguescia, o terreno distribuía-se em socialcos arborizados, em linguetas de folhagens esmorecidas, amparadas por valados, no geito de estenderem da povoação até ali uma solene escadaria.

Refeito o cura pelo descanso ao qual dera o pretexto de petições ao santo padroeiro no local onde ele se mostrara as gentes campesinas, o bando precatório das dádivas celestes sumiu-se, tropeando, como um rebanho escuro, atrás do pastor, pelos caminhos silvanos misteriosos do lusco-fusco, êsses idílicos caminhos que em tódas as aldeias, pelas ribanceiras, docemente, nos levam sempre ao adro.

Pois bem! Dias passaram como brazidos fulgurantes. Deus deslambrou-se com o dilúvio do sol... Sem dúvida, de todo haviam secado as apoiantes e sacrossantas fontes do céu!

Os poços continuavam a esvair-se, deixando apenas na bacia do fundo uma bábagem terrosa. O cháfo gretava, como pele ressequida. A população abandonava-se ao desespero, crendo-se proscrita da graça do Senhor, quando, a súbitas, correu a voz de que no penedo forte que dera sombra ao préstito, por maravilha, um ôlho de água rebentara, vivo, cantante, e fresco, desbordando da poça da valeta para o caminho, e do caminho encharcado, subtilmente, para os socialcos sequeiros, correndo a humedecer umas leiras do prior...

Tão estupendo caso causou surpresa a tóda a freguesia!

Foi uma romagem durante semanas! Todos duvidavam, e queriam ver, a laia de Tomé o corpo de Jesus, essa fonte singular que em sação de calmas avernais assim brotava duma pedra espessa onde até agora só lograra medrar o liquem.

Todavia, já Moisés, numa jornada amarga da Bíblia, fizera jorrar água límpida da rocha árida do deserto... Até certo ponto, um milagre justificava outro milagre.

De resto, aquele granito escurecido pelos séculos, era sagrado. A sua peanha dura servira de pouso a um santo!

Aventava-se mesmo que era em razão da santidade dêsse lugar que as terras sobranceiras, tão ferazes, não haviam sentido grandemente, nêsse estio calcinante, a mingua de água.

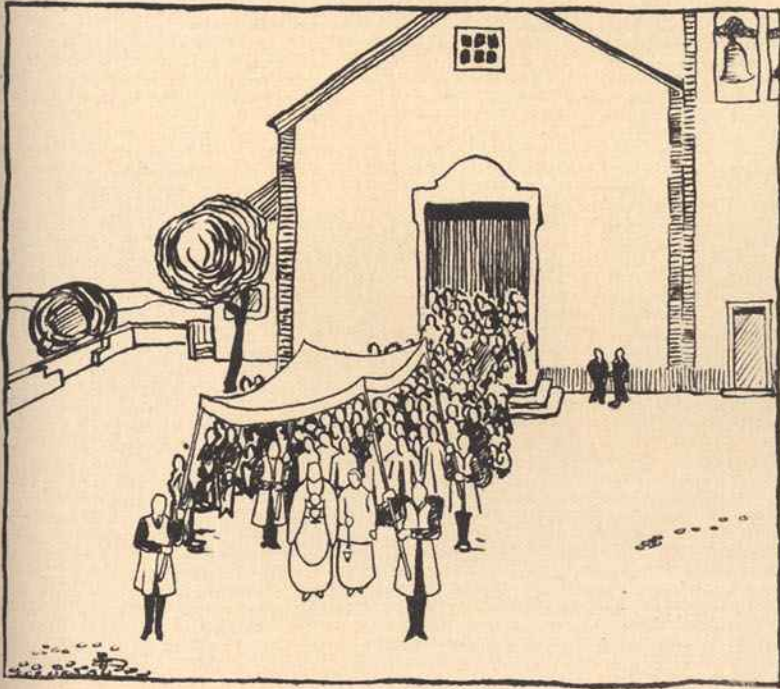
Beijos veneradores tocaram misticamente os musgos do miraculoso penedo, que se amostrava na feição dum altivo castelo roqueiro, velando pelo burgo contra os designios do Céu.

Todos os indícios levavam a crêr que era êsse, afinal, um ano cabalístico. Fenômenos dignos da Antiga Escritura se anunciavam por vale e monte, perturbações da vida normal a que só faltava a voz pungente dos Profetas... talvez pela simples razão de que ninguém é profeta na sua terra!

As mulheres que pariam gémeos, eram legião; num hortejo, certa espiga de milho prometia encher um alqueire de grão; um quintalório dera rábano tão gigante que sete pessoas, de mãos dadas, mal conseguiam abarcar a roda das suas ramas...

Êstes signos haviam alvoroçado a nevrose colectiva... Por isso aquela água verdadeiramente inesperada veio acordar dum golpe os sentimentos religiosos dos rurais, que, tomando-a por emanação divina, se deram a atribuir-lhe milagreiras qualidades pseudo-medicinais...

O pai do sacristão, um pobre diabo esquelido



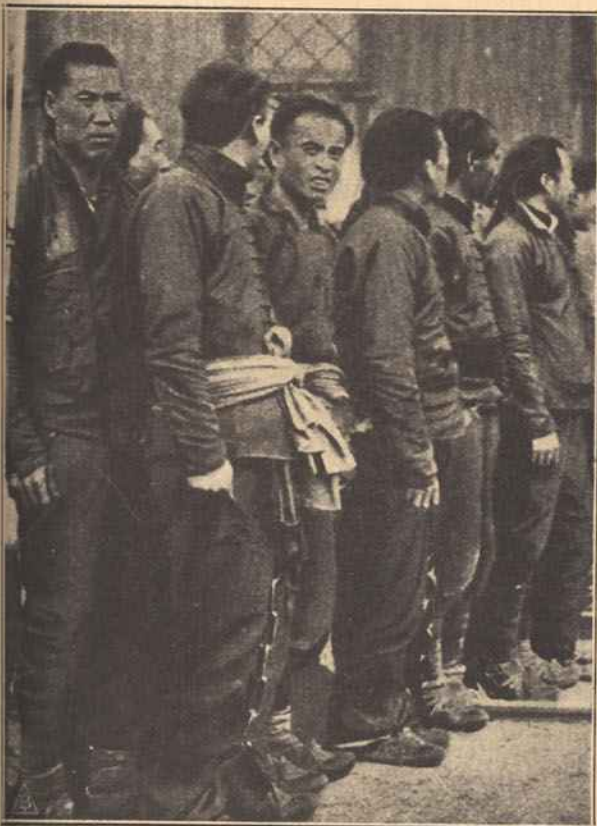


# A CHINA DA GUERRA E DA PIRATARIA

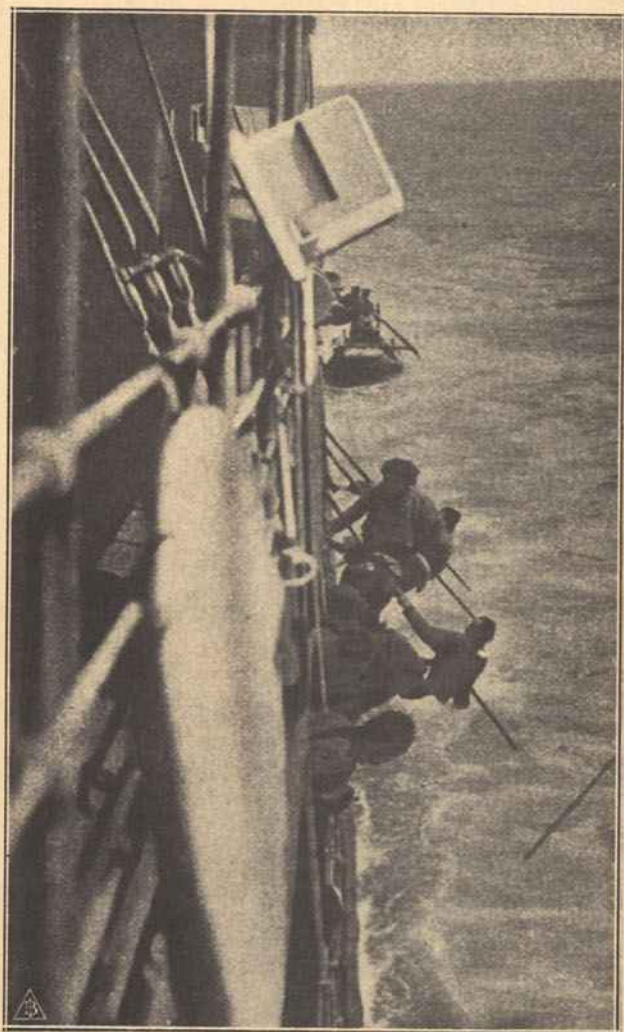


Uma ambulância militar chinesa, dotada com todos os aperfeiçoamentos.

De tudo isto o que resulta nítido é que a China, a pesar de ter sacudido a sua imobilidade de civilização milenária, continua a manter o *record* do pitoresco, pelas contradições que a cada passo se tocam e pelos contrastes de que todos os dias nos fornece exemplos.



Piratas chineses, presos por correntes uns aos outros.



Um assalto de piratas chineses, em pleno mar.

Tendo adoptado o figurino europeu em alguns dos seus aspectos de vida, a China mantém-se aferrada à tradição em outras modalidades da actividade dos seus habitantes. E assim que a China, que tem um exército equipado no último estilo europeu, admite ou pelo menos tolera a existência duma pirataria à moda antiga, no estilo clássico dos ladrões do mar, que se supunha em todo o mundo já arriados nos últimos romances a fascículos, que foram leitura popular no passado século.

Mostram duas das nossas gravuras o flagrante contraste de uma humanitária ambulância de guerra, bem apetrechada, de maqueiros bem fardados, com as filas de repelentes piratas, prósos uns aos outros por grossas correntes, pela prática de proezas como a que a restante gravura mostra: um assalto em pleno mar, a um *steamer* de grande tonelagem.



# O SALÃO DOS HUMORISTAS E O SENTIDO MODERNO DO RISO

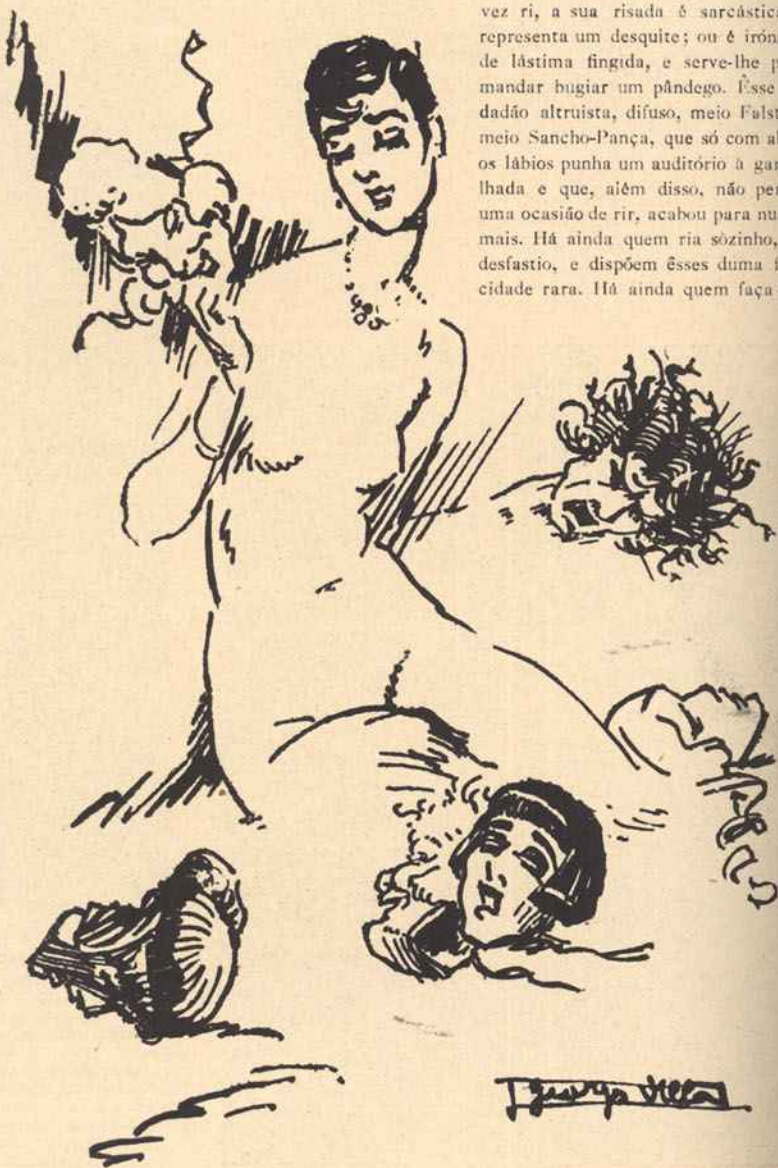
Pelos muros da cidade fora, uma preta com um papagaio na cabeça, dentes à vela — desenho de Avelot — prometia-nos este espectáculo singular: *On rit à gorge déployée*. E fomos ao Salão dos Humoristas na esperança de nos curarmos da melancolia que uma chuva ignóbil, indelicada, refractária a todos os juízos dos astrólogos, instila sobre Paris. Fomos e voltámos neurasténicos.

Não, ali não se nos ofereceu ensejo à boa e consoladora risada, estas risadas francas, terapêuticas, que valiam uma cura de águas, ou quinze dias de exercícios espirituais num convento. O homem ri quando vê rir, e já não havia na exposição nada que se parecesse com as vacas e mais bichos de Benjamin Rabier, duma hilaridade tão comunicativa, nem com os *gavroches* e *pipilettes* de Poulbot, dum cómico irresistível, ou ainda com as pachuchadas libidinosas dos labregos de Veber, para fazer rir as pedras e os santos nos altares. Léandre, Gottlob, Radiguet, Hermann Paul, Roubille, Metivet, mestres da graça, entristeceram, ou leram a *Cartilha do bom tom* que condena o riso imodesto e a galhofa.

Em verdade, o mundo já não ri como dantes, zigomáticos retezados e cada pançada, que até era proverbial dizer-se: ia morrendo a rir. O homem moderno não ri; sorri, e não é pequena a condescendência. Cada um traz dentro de si uma tragédia, em plena representação, ou um problema a apoquentá-lo, e passa alheio aos ridiculos e bufonarias dos outros. Diz Bergson que o homem ri quando se encontra em situação de preeminência sobre o seu semelhante. Quem, gratulitamente, se preocupa ainda com o seu irmão?

Com a nova mentalidade e a nova moral, o homem é uma flecha no seu caminho. Não tem ocasião de ver onde põe os pés; não olha aos lados; não se distrai; lá vai levado pelo instinto, ou, porventura, um pouco sonâmbulo. Cada vez vive mais recolhido no seu eu. Toda essa actividade, essa lufa-lufa, êsse atropelamento de tudo e de todos, são sinais manifestos do seu crescente egoísmo. Para que se possa rir, é preciso ânimo airado e ociosidade. O homem de hoje carece de tudo isso. Se alguma

vez ri, a sua risada é sarcástica e representa um desquite; ou é irónica, de lástima fingida, e serve-lhe para mandar bugiar um pândego. Esse cidadão altruista, difuso, meio Falstaff, meio Sancho-Pança, que só com abrir os lábios punha um auditório à gargalhada e que, aiém disso, não perdia uma ocasião de rir, acabou para nunca mais. Há ainda quem ria sozinho, ao desfastio, e dispõem êsses duma felicidade rara. Há ainda quem faça rir.





ARIEL FAIVRE — Como Veneza mudou depois que nos casámos!

ou pretenda fazer rir porque disso assentou praça. Por virtude própria, por humanidade, por devoção altruísta, ou pura especulação do espírito, já ninguém ri.

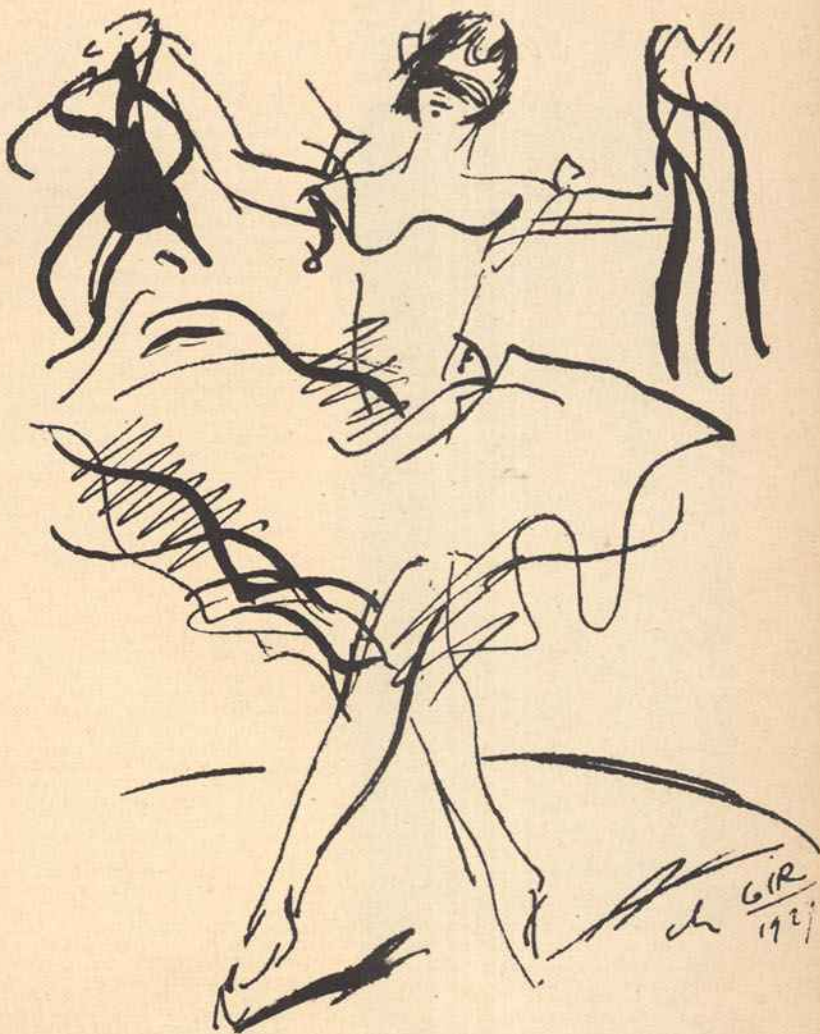
Este Salão dos Humoristas, que noutras épocas alegrava Paris com a sua chalaça, levou-nos a esta conclusão: «quem quiser rir, recolha-se em sua casa, e faça-o com mulheres e filhos». Cá por fora não é fácil; não há tempo para isso; passou de moda.

Os artistas do humor abandonaram o seu santíssimo e salutar mister. Em compensação passaram a observar com fiel e inteligente demora os gostos, tendências e estilo da humanidade que subiu para o galarim. Mereceram-lhe particular desvêlo as dansas novas,

com suas atitudes e desconchavos, e as *garçonnes* com as suas manias e toleimas. Mas daquela piedade que Steinlen punha em tudo,



SEM — Caricatura de Foral!



Ch. Gir — Passo de dança

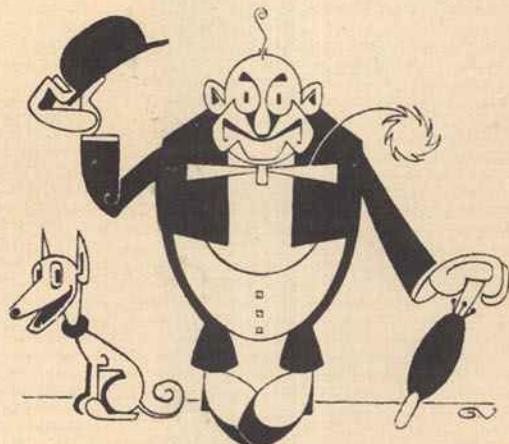
e daquela amargura que se evolava do lápis de Gavarni, nem sombra. Os humoristas parecem conformados com o mundo que vai passando.

Paris, 15.

AQUILINO RIBEIRO.



CARLEULE — Nos antigos tempos...



VIANDOT — Até á vista







Erudito e escritor doutrinário de limpida reputação, o sr. dr. M. Gonçalves Cerejeira, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, ofertou-nos três novos trabalhos seus: *Clenardo; Notas históricas sobre os ordenados dos lentes da Universidade*; e *Do valor histórico de Fernão Lopes*. É o primeiro uma reedição, mas com tanta matéria nova no seu âmbito, que melhor será avaliá-lo como se em estampa original saísse. Clenardo, pelo papel que esse grande poliglota e pedagogo flamengo desempenhou no nosso Renascimento, é digno do atento estudo das inteligências portuguesas. Falar d'êlo, biografando-o e exercendo ao mesmo tempo uma interpretação crítica sobre essa biografia — é iluminar os meandros da decadência em que Portugal caiu nos meados do século XVI, era em que Clenardo viveu entre nós, leccionando o infante D. Henrique. O segundo trabalho põe-nos ao facto da economia da vida universitária, desde a sua origem eclesiástica até aos nossos dias; conclui-se ali que os lentes de hoje, proporcionalmente, auferem menos do que os seus remotos colegas. No terceiro estudo, com singular poder de análise, refuta-se a tese, já conhecida, do sr. general Morais Sarmento, em desabono da idoneidade de Fernão Lopes como historiador.



O dr. Sousa Costa resolveu regressar ao romance: *Amor 1.º, o Cruel*, a sua recém-aparecida obra dessa natureza, é o estudo psicológico, bem desenvolvido, dum rapariga brasileira que ama pela primeira vez, pondo nesse enleio, já todo o fogo tropical que arde no sangue da sua raça, já o ímpeto generoso próprio da sua idade juvenil. Por fundo, a pintura, opulenta de colorido, da paisagem luxuriante do Brasil e também, para o fim do livro, da doce paisagem dos arrabaldes de Lisboa. Notámos no romance, formando um enredo subsidiário do principal, uma indiscreção sobre a vida amorosa dum aviador português que há anos a glória bafejou e veio depois, malgrado, a desaparecer no mistério insondável do oceano. Absolvendo, porém, o romancista, ao lermos essas páginas lembrou-nos certo trecho das memórias de René Boylesse: «L'homme de lettres fracture les armoires de famille et d'autres aussi quelquefois. C'est avec les secrets, les choses intimes, souvent avec des cyniques indiscretions, qu'il compose la pâte diabolique avec laquelle il peint l'humanité».



Como nem tudo que luz é ouro — nem tudo que ostente a marca do regionalismo o é, de verdade. De tal mistificação, tão corrente, não pôde acusar-se o abundante volume que o sr. João Rosa, investigador muito honesto, imprimiu recentemente: *Iconografia Artística Eborense*. Dêlo exala-se um forte e insuspeito *parfum du terroir*: a terra alentejana, de que o autor é filho, tão cheia ainda de particularidades nos seus costumes e nas suas figuras, na sua paisagem e na sua arquitectura, sobre-tudo essa Évora feiteira, em cujas pedras cada povo que a dominou infundiu uma parcela da sua alma, alcança neste livro um estudo notabilíssimo e carinhoso, bem digno de ser imitado em relação a outros pontos do solo português. Com prefácio do sr. dr. Manuel de Sousa Pinto e preciosas pela porção de notas históricas, bibliográficas e de exegese artística que contém, estas páginas reproduzem uma série enorme de quadros, desenhos e fotografias, com aspectos não só de monumentos como de tudo mais que de típico possui o distrito eborense, na sua capital e nas mais povoações que o formam. Um dos grandes méritos d'êste trabalho, a que cabem todos os elogios e que, pela sua exigua tiragem, é de jeito a apaixonar bibliófilos e coleccionadores, é o seu significado documental.



A terra algarvia revelou-nos agora, através dos poemas da *Varanda de Lilases*, um novo poeta: Armando de Miranda. Livro de estrofa, contém êle já, sem favor, firmes realizações dum talento privilegiado. Ardor de mocidade, alegria dionisiaca de viver umas vezes, outras uns vagos assomos de melancolia, tudo que constitui o fundo do temperamento português, misto de ternura sensual e de aspirações idealistas, eis o que se encontra nestes versos, burilados todos numa forma nítida e musical, em que, amidade e sem preterir o culto dos moldes clássicos da poesia, surge uma nota modernista, dando-lhes graça especial e vivo tom de originalidade.



Emigrada da vida do palco para a vida literária, Mercedes Blasco não desiste de conquistar aqui um nome. *Como êles são ...*, o seu último livro, compreende umas dezenas de perfis de gente preponderante no jornalismo, na política, nas letras, gente com quem ela tem cruzado na vida e de quem soube aperceber as qualidades fundamentais. Alguns d'êsses retratos-esboços são flagrantemente de verdade.



Bem se diz que paredes-meias do riso mora a dor: Arnaldo Leite, comediógrafo que tem espalhado graça humorística a ridos, homem que toda a gente estava supondo ter nascido só para presentear os seus semelhantes com êsse bem, mais precioso que o ouro, que é a alegria, — saiu-nos agora, de súbito, cantor de magoas e sofrimentos, no seu livro *Versos dum Portuense*. A inspiração poética de Arnaldo Leite, vemo-lo agora, não tem que invejar a riqueza da sua *verve*. Numa linguagem rimada que tem desembaraço e poder comunicativo, surge aqui o elegiaco, o amoroso, o patriótico e o bucólico, sem deixar de aparecer também o humorista.

CÉSAR DE FREIAS.

# O POETA-PINTOR KANYA ANDO O LUAR NO JAPÃO

Kanya Ando é poeta, estranho poeta que pinturila *kakemonos* onde os hieroglifos voitam em caprichosas danças... jardins fechados com princesas encantadas... cofres de marfim em que se encerram os tesoiros do Mikado... adagas vermelhando o colo nu de uma *gueisha*...

Kanya desenha a côres. E estira pelo rôlo pergaminhado todo o cortejo de sons, de imagens que o cérebro humano pode conceber...

... Tons de prata suavizam, aqui e ali, o grito escarlate de um hieroglifo, o sussurro azul de outro ideograma, o gemido angustiante de um ângulo lilás...

Há muitos tons de prata, muitos, no labirinto da poesia de Kanya...

... Scintilam-lhe os olhitos amendoados, como ruidos de febre. Repregu-se-lhe a testa ampla. Kanya é magro, de uma magreza esquelética e nervosa. Mãos alongadas, agitar de braços contínuo que faz boiar os tufos das mangas do *Kimono*.

Filho de *samurai*, Kanya conserva tôdas as radções do velho Japão. Estudou em Shang-Hai. Tirou um curso de Letras. Deu-se em mergulhar nos arcanos da sabedoria dêsse milhares e ideogramas chineses que guardam severamente os tesoiros do impenetrável espirito do extremo oriente.

Quantos ideogramas conhecerá Kanya?...

Cinco mil, seis mil, talvez mais...

Em Tokyo, o poeta-pintor vive da sua arte de compor versos. Os *kakemonos* pinturilados que nós admiramos na sua *vila* de papel e madeira, dêste formoso bairro de «Shibazonobashi», onde começa o parque de Shiba, são encomendas do «Maple-Club», da «Osaka Chosen Kaisha», para um novo paquete, do «Tsukiji», da «Maruzen»...

... Kanya não escreve para os jornais.

«Já se não pode escrever para jornais. A nossa língua escrita está desvirtuada. E eu persisto na forma clássica da poesia nipônica, dos bons tempos em que o Japão vivia isolado do mundo e em que se fizeram as mais puras obras de arte».

Mas Kanya podia escrever em inglês. Ele não quer. «As línguas estrangeiras não teem vocábulos que traduzir possam a paisagem que os nossos velhos ideogramas descrevem nestes rôlos de pergaminho que só podem interessar a você pela policromia... Creia-me: os mistérios da nossa literatura jámais podem ser revelados em alfabeto romano, mesmo que sejam escritos em japonês».

Kanya é um dos novos que se batem ardentemente contra a adopção do «Romaji», o nosso alfabeto que está a ser empregado para facultar a compreensão da língua.

— Porque se compraz em empregar, a miúdo, êstes tons de pérola e de prata nos seus *kakemonos*?

«Eles são todos os segrêdos da Lua». . diz-nos embevecidamente Kanya. «Compreende você o luar? ...»

— Sim, porque não?!

«Não, você não pode compreender o luar...»

E Kanya abana desconsoladoramente a cabeça. «Os europeus e os americanos teem a paixão do Sol. O Sol, êsse, nós não estudámos tão bem como vós outros. O Sol exerce um império

a que nós não nos submetemos. O Sol é sangue, é cólera, é ambição, é inveja, é ódio. Gêra tôdas as influências más que tanto teem estragado a alma das nações na velha e decrépita Europa.»

E, no entanto, o Japão é o «Sol Nascente». rematou Kanya com ironia. «O Sol será para vós. A Lua não nos submete... Seduz-nos e deixa-se possuir... Jámais um homem de Nihon poderá ter uma ideia má a atravessar-lhe o cérebro, encarando a Lua, que rola em sonho, pelo manto azul dos céus... E é para nós que ela se inclina. E para os setenta milhões de almas que vivem nestas ilhas, é para as nossas azáleas e peónias e crisântemos, para as nossas árvores que ela guarda todos os seus segrêdos, toda a sua garridice. E, por isso, as nossas flores e as as nossas mulheres são as mais belas do mundo. E, por isso, um japonês não conhece a maldade...»

Kanya sorri. Pondo-nos a mão no ombro, e encarando-nos fixamente, com os seus olhitos amendoados, ruidos de febre:

... «Você conhecerá o luar... Tem a felicidade de poder conhecer o luar. Estamos em Setembro. Nunca a Lua se mostra, como nesta época, mais bela sobre as águas sagradas do Lago Biwa. Iremos a Kyôto... Iremos a Otsu. . .»

... \* \* \*

Ficou para trás Osaka...  
... O comboio passa lento. Fez-se noite, pouco a pouco, demoradamente. As casitas fosforescem pela encosta... E o pontilhado das lanternas vai-se alongando até à curva ensombrada lá adiante. Surpreenderemos, então, em toda a sua nudez, o lago Biwa, «enamorado da Lua nestas noites de Setembro, tão propicias para os dois amadores...»

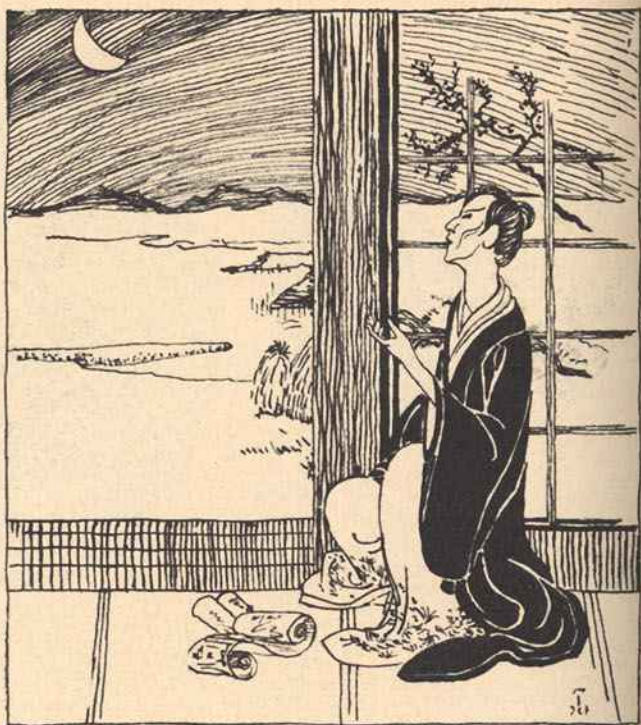
E Kanya sonha. Rasga-se a janela do *wagon*, por onde entra uma leve brisa mordicante... Contemplamos o céu... A lua é um bloco de neve assetinada...

«Não encarem por enquanto a Lua!... diz-nos nervosamente Kanya.

Os estrangeiros que nos acompanham querem rir. Mas a expressão de Kanya é tão grave que ninguém se atreve.

E Kanya sonha...  
... «O silêncio no Japão... Como é povoado de murmúrios!... Na remansada pradaria, pelas noites de luar, ouvem-se as vozes de séculos, os cânticos errantes das multidões desaparecidas...»

... «E os jardins trescalam a cinamomo...»  
... «Sonham as mulheres, noite em fora...»  
... «E a Beleza se evolva em respiro leve, das boquitas de nácar...»



... «É de noite que a ondeante teia se tece pelo espaço...»

... «Há ondas magnéticas de beleza tocando as árvores, os arbustos, as flores, os rostos das crianças, a penugem das aves...»

«Pelas noites de luar é que se ouvem melhor os murmúrios roçagantes de sédas, que povôam os silêncios da remansada pradaria...»

... «A vida da mulher é sonho. O seu dormir é a quintessência dêsse sonho...»

O comboio passa lento.  
Kanya está de pé, em frente da janela. A sua voz é pausada, grave e cava. Os braços agitam-se-lhe frementes, a prolongar as vibrações que êle atrai para a claridade luminosa da encosta, agora banhada de luar... Scintilam-lhe os olhitos amendoados, ruidos de febre...

... «Pela noite criadora, a Mãe, em espirito, alinda a terra, berço do seu filho. Endeixa pelos espaços em fora, as canções que o Homem, pela manhã, a caminho do trabalho, encontrará na brisa que o acaricia. E a imensidão estará perfumada. E o Homem será feliz!...»

«Ouvi, estrangeiros, os cânticos errantes, os murmúrios de séda neste augusto silêncio beijado de luar!...»

... \* \* \*

O comboio passa lento...  
Biwa! É o luar que ilumina os teus sonolentos mistérios, guardados na profundidade...  
Os lagos são tranquilos... água que dorme e sonha... Os lagos são tranquilos... faces serenas no sono da Morte... Os lagos são tranquilos... reflexos do azul macio em que se adormentam os anjos pelos céus...

O comboio passa lento.  
E eu escuto a tua canção longínqua, Biwa! O murmúrio da tua reza à lua que de ti se enamorou e a ti se mostra desnuda, transparente de volúpia, acesa de claridade rubra... Como vôm a superfície da tua face quieta, os beijos em braza da tua paixão!... São milhares incontáveis... Scintilam doidamente, Biwa! E tu estremeces... Sugas-lhe a luz de fogo que ela te envia... Guarda-la no teu seio... Como, para a profundidade, a claridade, vai descendo! Es um mar de fogo, Biwa!

... \* \* \*

O luar é mais claro... Phoebo serena...  
O comboio passa lento. E eu escuto a tua canção longínqua, Biwa!

... \* \* \*

O luar é mais claro... Phoebo serena...  
O comboio passa lento. E eu escuto a tua canção longínqua, Biwa!

... \* \* \*

O luar é mais claro... Phoebo serena...  
O comboio passa lento. E eu escuto a tua canção longínqua, Biwa!

... \* \* \*

O luar é mais claro... Phoebo serena...  
O comboio passa lento. E eu escuto a tua canção longínqua, Biwa!

... \* \* \*

O luar é mais claro... Phoebo serena...  
O comboio passa lento. E eu escuto a tua canção longínqua, Biwa!

CARLOS ABREU

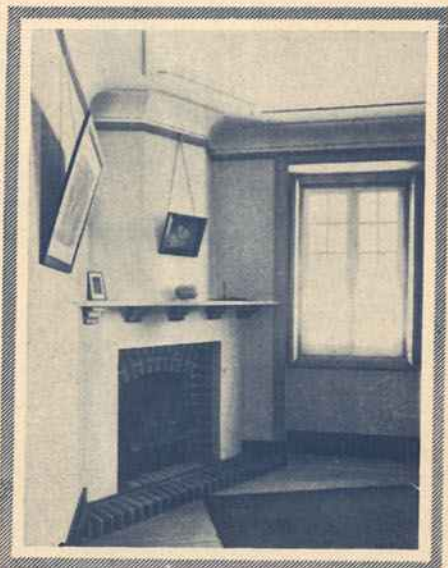
# A CASA PORTUGUESA

## CASA EM LISBOA

ARQUITECTO JORGE SEGURADO



alce pelo colorido adoptado que é impossível de se apreciar nas fotografias. Toda a arquitectura é acentuada pela cor rica de um amarelo carregado que contrasta alegremente com o fundo branco das paredes e a nota verde da carpintaria. Os andares superiores são



Sendo apenas a transformação duma casa existente, esta obra é belo exemplo de arquitectura citadina que, na sua simplicidade, está longe de ser banal. As linhas bem meridionais do exterior ganham re-



para habitação, e aqui se mostra como com meios muito simples se obtém efeitos agradáveis de sobriedade e nitidez.

O prédio pertence à Companhia Carris de Ferro, que nele instala os seus carros-tôres.



# O S L E Q U E S

Fatigados da exhibição banal e plebeia, desgostosos do adejar inestético, precipitados, entre mãos impacientadas pela angústia das calmarias, os leques furtaram-se ao contacto do vulgo, aos beijos sensuais do sol e à poeira das ruas, aristocratisaram-se, enfim. E hoje, só entre as refulgências dos salões, afagados blandiciosamente pelo brilho das pedrarias e dos setins, ães, os traquinas leques de outrora, aparecem, revestidos de sumptuosidade, de moleza coquette e fidalga.

Os leques de papel, êsses leques criados sem preocupações de requinte estético, para matarem, num sôpro de frescura convencional, a onda súbita do calor que um dardejar de sol ardente, ou uma caminhada mais viva, chamou subitamente ao rosto, desapareceram num misterioso esquecimento aconselhado pela moda. Mas, por um milagre de transformação, ei-los pompeando no plano da alta elegância, acarinados não já pelas mãos impacientes, humedecidas, mas por outras, finas, patricias, que sabem abri-los e movê-los



com primores de graça artística, fazendo valer as ondulações voluptuosas das plumas escapadas, em espirais de capricho, das varetas preciosas, a despeito da sua pretensa singeleza.

E que lindos leques a arte moderna da toilette, nos apresenta hoje! Plumas, rendas, paradis, tudo se aplica nessa breve secção de varetas de marfim, tartaruga ou madreperola, esculpidas ou brunidas, segundo a inspiração do artista executor que compõem os alicerces fragilísimos e encantadores dum leque.

PORTUGAL—ARTE E PAISAGEM



COIMBRA — PULPITO DA IGREJA DE SANTA CRUZ

(Cliché Cardoso)

# A C I D A D E

Na cidade — ainda que ela seja, como a nossa Lisboa, pacata e mal iluminada — a luz e o movimento das ruas não nos permitem mergulhar na noite, admirar-lhe a majestosa beleza ou sentir-lhe o inquietante mistério.

A noite na cidade não tem silêncio. Pode ca-

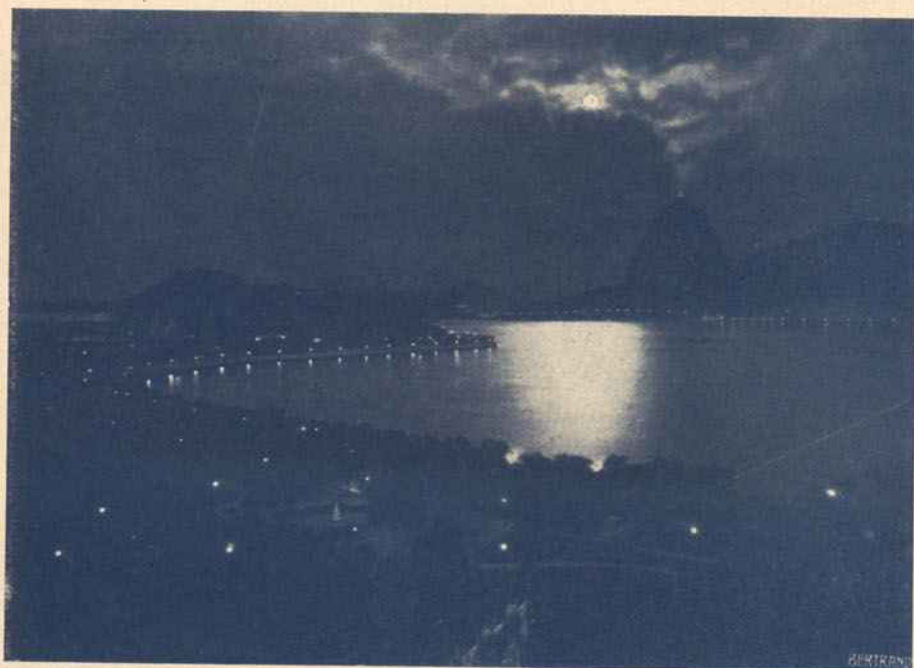
de medo. Lugares que à luz do sol são dum colorido que enleva, à noite apresentam-se como boquziões de sombra, onde podem acoitar-se o crime e a traição. Negras correm as fontes e as ribeiras. O céu é alto, profundo, implacável de escuridão. A treva opaca es-

maga e sob ela fazemo-nos pequeninos e aperta-nos a garganta um desejo de chorar.

As árvores, cúmplices da noite, tornam mais densa a treva dominante e ganham relêvos fantásticos, apocalípticos, bizarros. Ao nosso redor, o silêncio é um vasto e pesado manto que su-

foca. Qualquer ruído insignificante toma proporções de fragor. Uma folha morta, que se solta dos ramos, semelha um bater de asas misteriosas. O ladrar dum cão é, no silêncio, lúgubre como um preságio de morte e o mugir dos bois sobe no ar como um lamento de angústia. Tem-se a impressão de que alguém nos espreita e, por momentos, a quietação é tão grande que sentimos, com um calafrio de morte, a certeza de estarmos sós no mundo, envoltos numa noite que nunca, nunca mais terá fim.

À beira de água, porém, a noite é mais humana, vive mais em nós e para nós, quer o céu se pontilhe de estrelas e se empalhe de



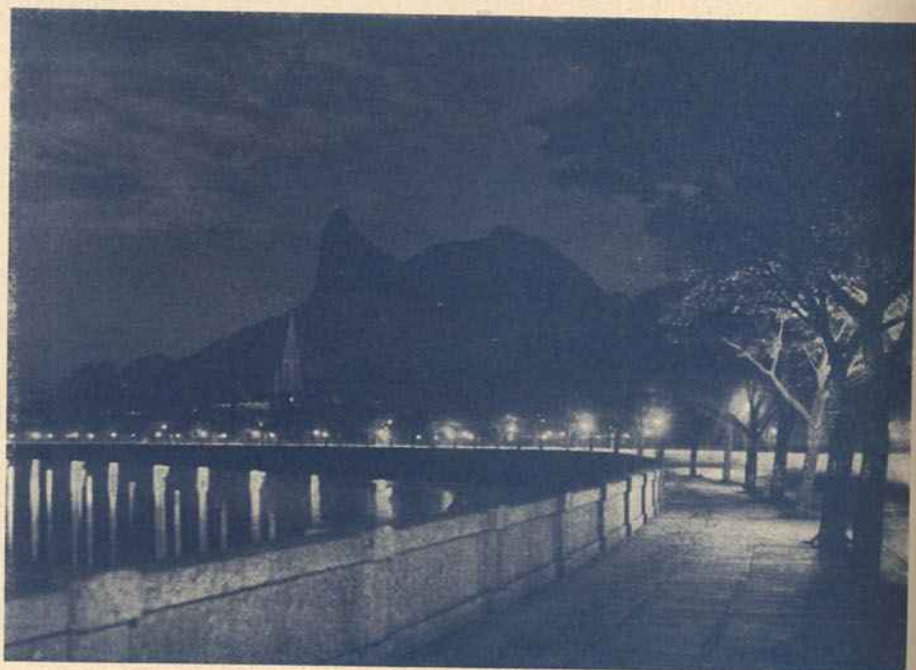
RIO DE JANEIRO. — Botafogo

RIO DE JANEIRO. — Botafogo

lar-se o estrepitoso rodar dos carros e as vozes dos pregões ou das conversas emmudecerem como os risos das orgias, que do vasto aglomerado humano sobe sempre um rumor de vida.

O latejar do sangue e o ritmo da respiração das centenas de mi-lhar de corpos, que a fadiga venceu e o sono esmaga, passam através das grossas paredes dos edifícios, são cá fora um murmúrio leve, imperceptível quasi, mas que dá a quem transita pelas ruas duma cidade adormecida a consoladora e convicta impressão de que caminha entre vivos.

Pelo contrário, a noite no campo é povoada de mistério, arripiada



## E A N O I T E

nebulosas, quer o cubram uvens inchadas de água e de tormenta.

É que o mar é uma presença viva. Recua, avança, ruga, murmura, embala como uma mãe, doce e terna, a adormecer um filho. O vento, grande amigo do mar, anda sempre de noite a chalaçar com êle e ambos conversam interminavelmente, reconhecendo talvez histórias de naufrágios do tempo em que as primeiras birremes fenicias sulcaram, timidas, as verdes e trêdas águas mediterrâneas.

Mas só nas cidades a noite é humana, porque a noite das urbes foi apropriada pelo homem à sua ânsia de sociabilidade, à sua fobia de isolamento, que uniu as famílias em tribus e em clans, antes da fundação política da cidade.

Muita ou pouca, nas ruas a luz corrige a noite, tirando-lhe o que ela tem de mais impressionante: a opacidade da sua treva. Pode levar-se à conta de arrôjo quasi re-

belde esta pretensão do homem de corrigir o que a Natureza, em seu equilibrado conjunto, sãbiamente criou, mas tão afeitos andam nossos olhos à luz que privar-nos dela é condenar-nos a recuar no tempo até à fase animalíssima em que o homem besta-fera desconhecia o fogo

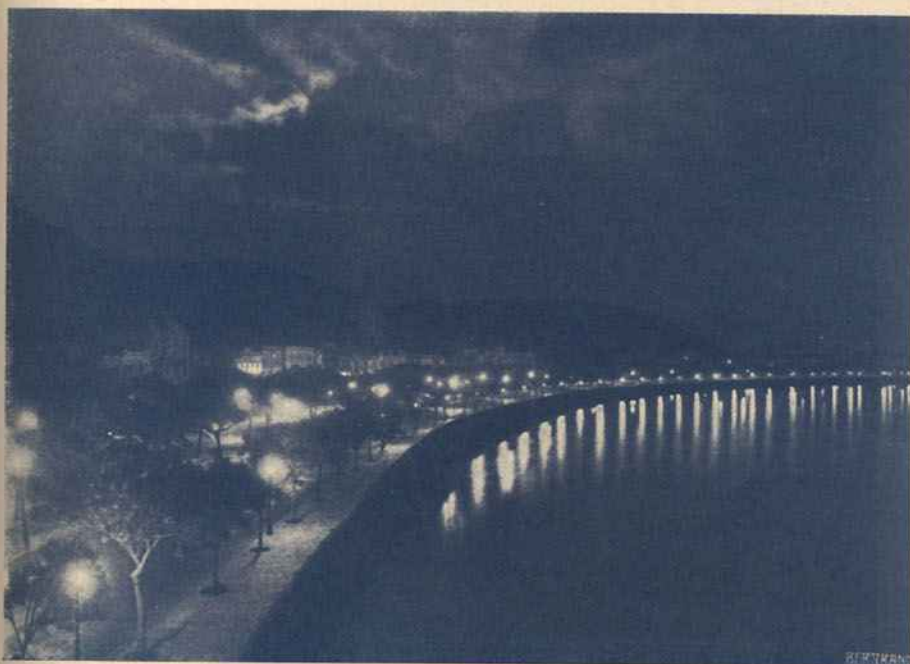
e até durante o dia procurava fojos e cavernas para evitar o brilho ofuscante do sol criador.

Com a civilização a noite das cidades criou esplendores novos. As grandes metrópoles modernas, como esse deslumbrante Rio de Janeiro,



RIO DE JANEIRO. — Botafogo

RIO DE JANEIRO. — Santa Terêsa e Glória



que é hoje uma "Paris na América, não dispensam durante a noite o *feerie* duma iluminação ofuscante, que afugenta as trevas opressoras e dá ao aglomerado humano uma mais intensa sociabilidade. Goza ainda o Rio de Janeiro do mágico efeito, que lhe permite a sua situação de metrópole recostada à beira do mar, que se alonga com a luz que a largos jorros as avenidas marginaes lhe enviam. Este fulgor das cidades, que vem das catadupas de luz que sôbre as ruas entornam as inúmeras lâmpadas elétricas, é, em regra, proporcional à luz não menos intensa que uma superior cultura derrama sôbre os espíritos.



# FEMININA

MODAS... MODAS...

De dia para dia, a moda vai retocando de graça e leveza a silhueta da mulher. Compreende-se que a preocupação de banir da linha feminina, todos os recortes duros, todos os pormenores que prejudiquem o encanto harmonioso das formas e o ritmo suave dos movimentos. É por isso que vemos aparecer os modelos de meia estação compostos com um sábio critério artístico empenhado em tirar dos mais insignificantes elementos de toilette o maior efeito plástico.

E não só em fazer valer a graça feminina a moda actual porfia; os exagêros merecem-lhe também decidida reprovação. E, assim, é ponto assente que as saias serão cortadas com dimensões razoáveis, sempre curtas, mas só o suficiente para marcar o preciso efeito juvenil, de acordo com a comodidade dos movimentos e a esteira do conjunto da silhueta. Nada de joelhos a descoberto... Além de desagradavelmente audacioso, um tal exagêro de encurtamento da saia prepara sensível desequilíbrio de proporções no conjunto da figura, que, mais concorre para riscar de ridículo a silhueta feminina, principalmente quando se trate de uma silhueta forte, do que para lhe conceder vantagens de remoçamento. Uma outra característica das saias modernas, é a



disposição do corte e das guarnições que permite conservá-la muito lisa nas ancas, modelando-as bem, e alargar bastante para a orla mercê da roda incrustada por meio de *golets*, folhos franzidos ou plisados e pregas ou muchos, cosidos até meio da saia e soltos para baixo.

As cinturas, essas regressam finalmente à altura natural. É certo que algumas modistas parisienses as fixam ainda nas ancas. Entretanto, a tendência para as repor na altura própria é muito sensível e encontra entusiásticos adeptos entre os principais *meneurs* da elegância parisiense. Os corpos são, na grande maioria, desprovidos de enfeites, lisos quanto possível, e blusando sobre o cinto. Os efeitos de bolero, que são largamente procurados, auxiliam muito a ideia do efeito *blusant*.

Pelo que respeita às mangas, verifica-se muita fantasia, mas as que modelam o braço e descem sobre a mão, tem superioridade sobre as restantes. Os decotes, pequenos, limitados por golas voltadas que por vezes cingem de perto o pescoço e terminam fechando com um laço de fita atada negligentemente.

## CINEMATOGRAFIA

Cecil B. de Mille é, com David W. Griffith, o mais alto valor mental dentro da encenação cinematográfica americana. O seu cérebro privilegiado, imaginação veemente e audácia de concepções permitem-lhe focar vantajosamente grandes problemas pictóricos, cinegrafá-los nervoticamente, a traços largos, num grande fresco em que a perfeição absoluta sai dos seus enormes, incomparáveis conhecimentos técnicos. Foi Cecil B. de Mille o realizador genial desse soberbo «Dez Mandamentos» que assombrou o mundo pela sua técnica inexecdível e é ele também o autor do maior êxito actual de todo o mundo cinematográfico, «O Barqueiro do Volga», formidável pintura de costumes russos que assombra, domina e seduz.

A princesa Vera, jovem e bela, filha do velho Nikita, passeia de au tomôvel nas margens do Volga, acompanhada por seu primo e noivo o príncipe Dimitri, oficial do exército do czar. Chegam assim a um acampamento de nomadas de origem tártara e enquanto os dois noivos ouvem a sua sina lida por uma cigana, começa a ouvir-se essa melopeia lenta e bizarra que é o cântico doloroso dos barqueiros do Volga, êsses rebanhos de entes humanos que, caminhando, arrastando-se pelas margens abruptas, puxam os pesados batelões carregados de mercadorias, durante centos de léguas, rio acima. Entre o rebanho vem um belo e simpático rapaz, Féodor, que logo chama a atenção da princesa pela beleza da sua voz e pela altivez rara do seu olhar.

Féodor vem beber numa bica junto do príncipe Dimitri e involuntariamente salpica as botas de pulimento do vaidoso oficial. Logo êste ordena ao jovem barqueiro que ajoelhe e limpe as botas que acaba de macular; Féodor recusa. Dimitri, irado, corta-lhe a face com uma chicotada. A princesa Vera, interpondo-se entre os dois homens, evita o agravamento da questão e desaparece com o noivo enquanto o belo barqueiro retoma resignadamente o seu lugar entre o rebanho que se afasta na cadência dolorosa do seu cântico de escravidão.

Passam-se tempos e estala a grande revolução russa. O castelo do príncipe Nikita é assaltado por uma horda capitaneada por Féodor. Os assaltantes organizam um festim sob os olhares pávidos dos proprietários. Mas o mordomo do príncipe mata o jovem Vassili, amigo de Féodor e êste reclama a pena de Talião. Pela mocidade de Vassili exige outra mocidade que seja aniquilada. É a princesa Vera a vitima indicada. Féodor quer, êle próprio, matá-la e fazendo evacuar a sala, fica só com ela. Sente então que não tem coragem de assassinar aquela beleza patriciã e combina com Vera uma simulação. Lança sobre ela um copo de vinho rubro

do sul e dispara o revólver ao tempo que a princesa simula a morte. Mas Mariucha, a cigana, descobre o lógro quando o barqueiro já fugira com a princesa e a horda selvática lança-se na perseguição dêles. Mas era tarde. Féodor e Vera, esta vestida de camponesa, fugiram numa troika. Vão porém cair ambos nas mãos dos contrarrevolucionários e Vera vai sofrer os piores ultrajes quando chega o príncipe Dimitri comandante das tropas, reconhece a sua noiva e a arranca dos soldados furiosos. Sabendo porém que Féodor trouxera a princesa até ali fazendo-a passar por sua mulher, ordena que o barqueiro seja fuzilado.

Féodor atado a uma grade de caprichosas volutas forjadas vê como, na sua presença, os soldados cavam a sua própria sepultura. A princesa Vera aproxima-se dêle e Féodor, vendo que vai morrer, confessa-lhe desvairadamente o seu grande amor. Mas a princesa jura-lhe partilhar dêsse enorme afecto e procura obter a liberdade do belo plebeu. É um feroz contra-ataque dos revolucionários que o liberta e êstes, em represália, atam os aristocratas e as mulheres nobres a um batelão de tráfego no Volga, obrigando-os a arrastá-lo dolorosamente, como outrora o rebanho humano dos pobres barqueiros. Depois é o tribunal e Féodor advoga inflamadamente o perdão de Vera... e de Dimitri, o homem que lhe cortara a face a chicote. São ambos perdoados dando-se-lhe a escolher entre o exílio ou a causa revolucionária. O príncipe Dimitri escolhe o exílio mas Vera, voltendo os olhos ao generoso barqueiro, escolhe a causa daquele homem a quem ama acima de tudo.

(Produção P. D. C.).

Cecil B. de Mille deu a esta bela obra de emoção um elenco de intérpretes notabilíssimo. Assim, William Boyd interpreta o barqueiro Féodor, Elinor Fair a princesa Vera e Vitor Varkony o príncipe Dimitri. Ainda noutros belos papéis admiramos Júlia Faye, Teodoro Kosloff e Robert Edesen. Êste filme esteve no écran durante vinte semanas seguidas no Capitol de Nova York, a maior sala do mundo.

«Paname» de Francis Carco é um filme que fica nos anais do cinema. A razão?... A quantidade de acontecimentos graves que tem ocasionado. Esta obra



A princesa Nikita beleza heráldica...

## ILUSTRAÇÃO

de intensa visão moderna, dirigida por L. Malikoﬀ e super-visada por Marcel L'Herbier, anunciava-se destinada a um grande sucesso. Mas morreu um dos artistas principais antes de terminar o seu papel; depois Jacque Côtelain, chamado por outro contracto abandonou o

vento da fotografia animada, não havia nem grandes crimes, nem grandes bandoleiros, nem roubos misteriosos! Também os maus instintos nasceram, julgamos, com o homem e não com o cinema. Mas admitindo que a asserção caluniosa se refere apenas ao incentivo que o ci-

nema presta à criminalidade, vejamos os resultados oﬃciais a que se chegou na puritaníssima Inglaterra. Verificou-se que os casos criminais entre menores frequentadores de cinemas foram em 1917, 51.000, tendo 2600 cinemas abertos. Em 1922 já se registaram apenas 31.000 casos

criminais para 2750 salas cinematográficas e em 1925 os casos passaram a ser apenas 27.800 tendo dado espectáculos 3 900 cinemas públicos. Eis um feixe de números bem eloquente. Quer isto dizer que não deve haver uma fiscalização e rigorosíssima de tais espectáculos? Nunca!... A relação das exhibições cinematográficas deve aumentar mas no sentido de as tornar artísticas, cheias de beleza, que é a mais sugestiva das educações mentais e morais.

Além da Jeanne d'Arc, de H. Dupuy Mazuel ou Jean Joseph Frappa (não está decidido qual o argumentista) e que será realizada por Marco de Gastyne para as produções Natan, anunciam-se mais realizações do mesmo motivo histórico-religioso, uma de Charles Th. Dreyer, o realizador de «Amo e Senhor» e outra de George Pitoeﬀ que debutaria no cinema, tendo com o intérprete principal Ludmilla Pitoeﬀ também debutante no écran.



Mocidade por mocidade: era a linda princesa que devia sofrer o suplício...

protagonista e foi filmar «Ex-voto» de Lucie Delarue Mardrus, só voltando a acabar «Paname» muitos meses depois. Depois ainda, certa questão retumbante obrigou o russo Malikoﬀ a abandonar os estúdios franceses e a acabar o filme nos reatros da U. F. A. de Berlim. Acabou-se por fim o malfadado filme. Malikoﬀ reuniu o negativo, cortou-o e mandou proceder à tiragem da cópia do trabalho. Pois... o negativo, reunindo em sua fragilidade todo o trabalho, todas as canceiras, os desgostos e o dinheiro dos realizadores, sofreu um acidente irremediável: ardeu por completo. Tudo baldado! «Paname» não verá a luz do écran!!

■ ■ ■

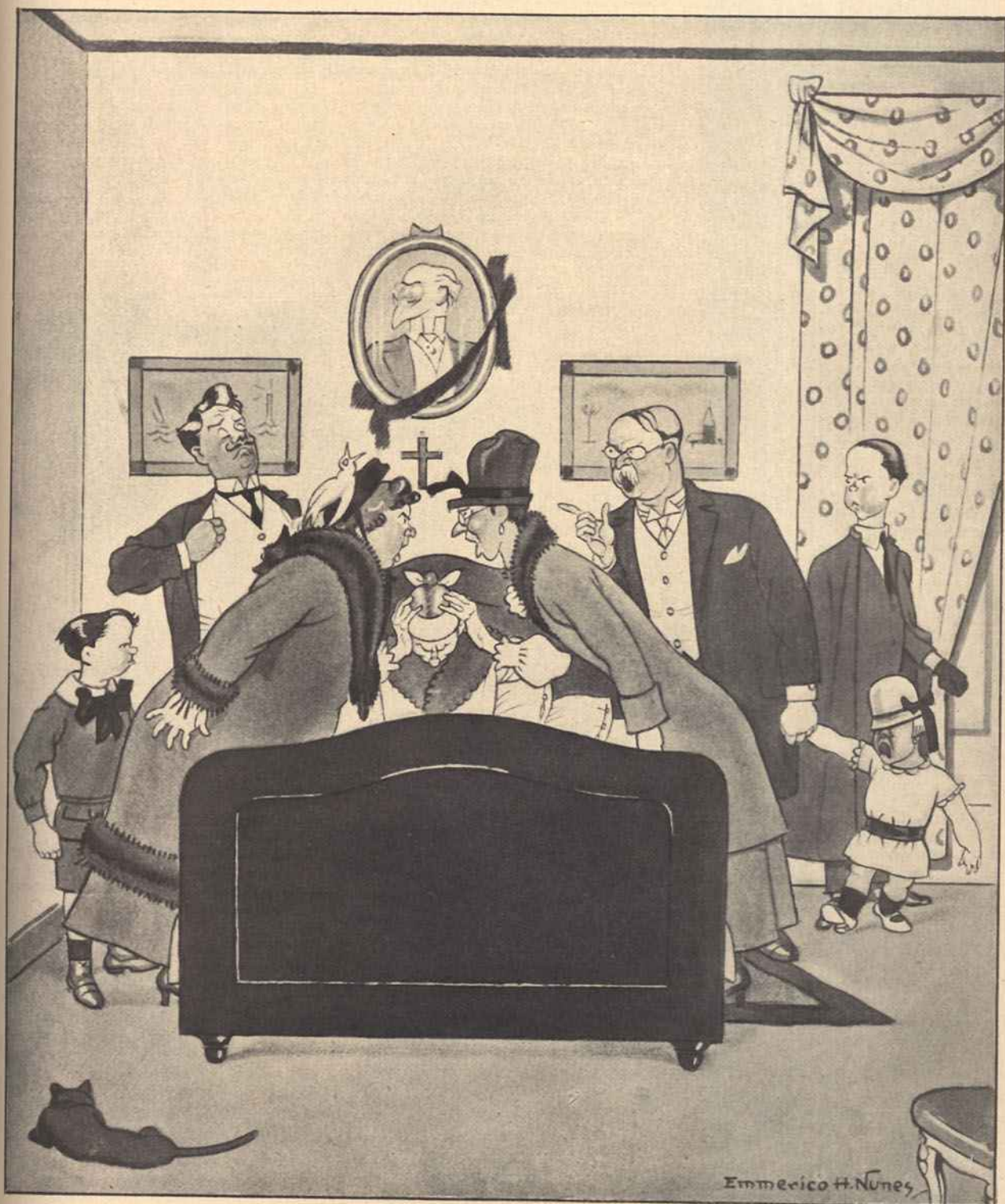
É voz corrente entre certos moralistas pouco cultos que o cinema é o mais importante agente de desenvolvimento da criminalidade. É uma asserção gratuita e que a acreditar-se faria pensar que antes de surgir no mundo o maravilhoso in-



Féodor, condenado à morte, atado à sumptuosa gradaria, disse então o seu grande amor...

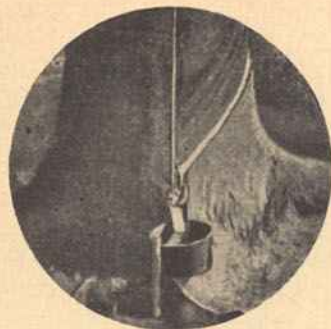
## OS HERDEIROS

(DESENHO DE EMMERICO NUNES)



Emmerico H. Nunes

A MORIBUNDA: — Se êles me deixassem, eu deixava-lhes alguma coisa, em testamento!...



Processo de colher o látex

Quando os portugueses e os espanhóis tomaram contacto íntimo com os índios da América, notaram que estes usavam nos seus jogos umas bolas que, no dizer de um padre da Companhia de Jesus, saltavam, quando as deixavam cair, atingindo pontos mais altos do que aquele onde a mão as largava. Era a borracha. Condamine, viajando na América do Sul, na primeira metade do século XVIII, enviou para França uma nota sobre o extranho produto, que o tornou conhecido na Europa Central. Explicou como ele se obtém dumas árvores, a que os naturais do país chamam Heveas, por incisão da sua casca donde sai uma resina branca como leite. Essa resina endurece e enegrece espontaneamente, caminhando essa modificação da periferia para o centro, e a resina solidificada chamam cautchuc. Os indígenas cobrem com ela molde de barro em forma de garrafas; depois, quando a resina se tornou dura, quebram o molde e assim obtém garrafas que se não quebram e que são mais leves que as de vidro.

Há várias plantas produtoras de borracha, mas a principal é a *Hevea brasiliensis*. O cautchuc das variedades estimadas, por exemplo o do Pará, obtinha-se antigamente da seguinte forma: O Estado arrendava a empreiteiros extensos territórios florestais. Os empreiteiros faziam a ranchos de trabalhadores, a quem forneciam alimentos e ferramentas, e cada rancho tomava à sua conta a exploração dum eito ou estrada de 100 a 150 árvores. Ao nascer do sol começavam incisando a casca das árvores, em forma de V, por meio de um machado, ligando ao pé da árvore uns pequenos recipientes destinados a receber o suco que ia escorrendo da incisão. À tarde reabriam essas incisões para realizar nova colheita e o mesmo faziam durante uma semana. Na semana seguinte praticavam nova incisão em outros pontos da casca, até cada árvore ter sofrido umas 20. Calculando na média de 45 litros de látex o produto de cada incisão em 150 árvores, vê-se que a colheita total duma «estrada» orçava por 900 litros daquela substância.

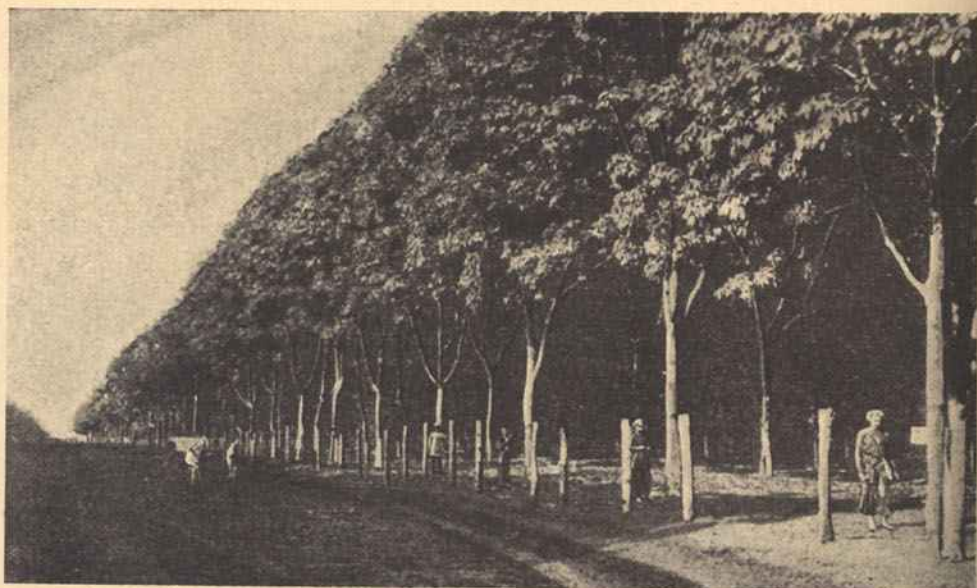
# A BORRACHA

Este látex era lançado em recipientes pouco profundos. Mergulhando então nele uma grande espátula de madeira terminada em disco, aquecida ao lume, e tirando-a depois, vinha agarrada ao disco uma camada de látex que prontamente coagulava. Novamente se mergulhava a espátula, repetindo a operação até estar formada uma bola de borracha com cerca de 30 centímetros de diâmetro.

Hoje, em que a produção de borracha provém principalmente de plantações que se cultivam esmeradamente, substitui-se frequentemente a incisão em V pela ablação duma estreita zona de casca, interessando obliquamente cerca de quarta parte da circunferência do tronco. Essa

operação repete-se cotidianamente, sendo a nova incisão sempre em nível inferior ao da que a precedeu. O látex é recebido numa cânula de metal que o leva a pequenos reservatórios de porcelana ou de vidro.

O trabalho de coagulação também teve modificações: Dilui-se o látex e tiram-se-lhe as impurezas, juntando-lhe previamente um anti-coagulante, como o sulfato de amónio, para tornar possíveis essas operações. A coagulação faz-se depois empregando o ácido acético, e maquinismos especiais dão à borracha as formas com que ela aparece nos mercados. Modernamente tem-se empregado ainda outros processos: a secagem do látex numa atmosfera sôbreaque-



Uma plantação de Heveas



Sangrando uma árvore

cida, de que resulta uma massa esponjosa, e a utilização do látex sem coagulação prévia.

A indústria do cautchuc só começou a adquirir desenvolvimento quando se descobriu a vulcanização do produto. Os primeiros tecidos impermeáveis, fabricados de cautchuc não vulcanizado, deterioravam-se com o calor do sol e tornavam-se rígidos a temperaturas baixas. Nestes últimos tempos, com o enorme gasto em pneumáticos de automóveis, a indústria da borracha tomou grande incremento. O consumo mundial que, em 1900, andava por 54.000 toneladas, atingiu 560.000 toneladas em 1925, número superior à produção do mesmo ano.

As primeiras plantações de borracha foram tentadas em Ceilão e na Birmânia. Depois espalharam-se nas possessões inglesas e holandesas da Malásia. Hoje são estas as maiores fornecedoras dos mercados, sendo a borracha das florestas do Brasil em quantidade muito menor do que a obtida das plantações.



# O MUNDO PERDIDO

GRANDE ROMANCE DE AVENTURAS

por Conan Doyle



(Continuação do n.º 32)

— Que importa que abramos já ou daqui a sete minutos? Tudo isto faz parte dum sistema de charlatanismo que, péza-me dizê-lo, já deu classificação ao seu autor.

— Isso não impede— replicou lord Roxton— que joguemos conforme as regras. Nós estamos aqui por vontade de Challenger e para fazeremos uma demonstração que o interessa; convém, portanto, que sigamos à letra as suas instruções.

— Linda cousa, sim, senhores!— exclamou, amargamente, o professor.— Já em Kesington eu tinha achado o caso bastante estúpido, mas aqui ainda me parece mais. Eu não sei o que está dentro dêsse sobrescrito, mas afirmo que é preciso que seja alguma cousa de muito preciso e definido para que eu não ceda à tentação de tomar lugar no primeiro barco, que desça o rio e ir embarcar ao Pará, no *Bolívia*. É que eu tenho mais que fazer do que andar a correr mundo para desmentir patacoadas! Vamos, Roxton, deve ser a hora.

— É a hora— disse lord Roxton.— Pode tocar o apito...

Pegou no sobrescrito, abriu-o com o canivete e tirou de dentro uma folha de papel, que desdobrou e estendeu em cima da mesa. A folha de papel estava em branco. Voltou-a, mas também no outro lado não havia nada escrito. Olhá-mo-nos, interditos, num silêncio que o riso do professor Summerlee quebrou:

— É uma confissão completa!— exclamou êle. De que precisam mais? O mystificador denuncia-se a si mesmo. Nada mais nos resta do que regressar a Inglaterra, para o executarmos.

— Tinta invizível...— sugeri eu.

— É pouco provável— disse lord Roxton, pondo o papel contra a luz.

— Não, meu rapaz, é inútil estar a gente a querer iludir-se. Afirmo que nunca foi escrita uma palavra nesta folha de papel.

— Posso entrar?— interrogou uma voz da varanda.

A sombra dum corpo pesadão cortara a faixa de sol que entrava pela porta. Aquella voz! Aquella monstruosa largura de ombros! Levantámo-nos, sufocados de surpresa e vimos Challenger, com um grotesco chapelinho de palha, de menino, guarnecido duma fita multicolor, as mãos nos bolsos do casaco, os pés metidos nuns elegantes sapatos de lona, plantado entre as ombreiras da porta. Deitando a cabeça para trás, olhou-nos com a habitual insolência, escurrendo-lhe das pálpebras semi-cerradas.

— Receio— disse êle, consultando o relógio— ter chagado com alguns minutos de atraso. Para falar com franqueza, ao dar-lhes aquelle sobrescrito eu não julgava que o chegassem a abrir, porque me propunha juntar-me aos senhores antes da hora. Um piloto desastrado, conjurado com um intempestivo banco de

areia, ocasionou êste atraso, que eu deploro e que—aposto— deve ter induzido em blasfêmia o meu colega Summerlee!

— Sem dúvida, meu caro senhor— respondeu lord Roxton com uma certa severidade— a sua chegada alivia-nos dum grande péso, porquanto a nossa missão me parecia prematuramente terminada, mas, por vida minha, não posso perceber por que razão procedeu o senhor para conosco duma forma tão singular.

Sem responder, Challenger entrou, apertou-nos a mão, a mim e a lord Roxton, inclinou-se diante de Summerlee com uma impertinente gravidade e deixou-se cair sobre uma cadeira de vêrga, que gemeu sob o seu péso.

— Está tudo pronto para a viagem?— inquiriu êle.

— Podemos partir amanhã.

— Então, partamos. Sirvo-lhes de guia, o que constitui para os senhores uma inestimável vantagem. A mim mesmo prometera que seria eu proprio quem presidiria às investigações, que os senhores se propõem fazer e, portanto, não

havia necessidade de instruções. Concordam, certamente, em que por mais pormenorizadas que elas fôsem pouco valeriam em comparação com a minha inteligência e a minha experiência. Pelo que respeito ao sobrescrito lacrado, se lancei mão dêsse estratagem foi para me escapar à desagradável pressão, que os senhores decerto não deixariam de fazer sobre mim, para me obrigarem a partir na sua companhia.

— Pela parte que me diz respeito— atalhou cordealmente Summerlee— o senhor nada teria a temer da minha companhia, enquanto houvesse outro navio, além do seu, em que se atravessasse o Atlântico!

Challenger sacudiu a réplica com um simples gesto da sua grande mão cabeluda.

— Estou certo de que o seu bom senso, meus senhores, aprovará o meu procedimento. Agora estão em boas mãos e háo de chegar seguramente a bom termo. Desde êste momento assumo o comando da expedição e peço-lhes que completem esta noite os seus preparativos, para que possamos partir amanhã, cedo. O meu tempo é precioso e talvez o dos senhores, ainda que em menor grau, o seja também. E por isso que eu quero conduzir as coisas tão rapidamente quanto possível, até que os senhores consigam vêr o que querem.

Lord Roxton havia fretado uma lancha a vapor, em que devíamos subir o rio. Pelo que dizia respeito à temperatura, pouco importava a época que escolhessemos para a nossa expedição, porque tanto de inverno como de verão, o termómetro oscila entre setenta e noventa graus, sem diferença apreciável. Mas em Dezembro começa a estação húmida, que só termina em Maio.

A chuva cai, o rio engrossa, sobe lentamente até cêrca de quarenta pés acima do nível das águas médias e, passando sobre as margens, converte numa lagôa todo o imenso território, conhecido na região pelo nome de Gapo e que é, na sua quasi totalidade, demastadamente pantanoso para que possa atravessar-se a pé e pouco profundo para permitir a navegação. Por alturas de Junho as águas começam a descer, voltando à estagiem em Novembro e Dezembro. Assim, a nossa expedição partia na estação seca, no momento em que o rio e os seus afluentes estavam mais ou menos nas condições normais.

O Amazonas tem uma corrente fraca, porque o declive do seu leito não ultrapassa oito polegadas por milha. Nenhum rio melhor se presta à navegação do que êste, em virtude de geralmente nêle dominar o vento de nordeste, de maneira que os barcos à vela não temem mais do que deixarem-se levar pelo vento até à fronteira do Perú. No nosso caso, como as poderosas máquinas do *Esmeralda* podiam desdenhar da resistência preguiçosa da corrente, iamos avançando como se cortassem um lago imóvel. Durante três dias subimos na direcção de noroeste. Era tal a largura do rio, a mais de novecentas milhas



— Posso entrar?— interrogou uma voz da varanda



meu diário, o de 18 de Agosto, seis ou sete tans-tans, pelo menos, soavam em diferentes pontos. Soavam ora apressada ora lentamente, trocando, sem dúvida, entre si, perguntas e respostas. Para as bandas de leste eram pancadas secas, espaçadas; para o norte era um rufo valente e sonoro; e assim ia prosseguindo o diálogo dos tans-tans, em que vibrava um presentimento indizivelmente angustioso e sinistro, que o estribilho do mestiço sintetisava: «Se eles puderem, não nos pouparão». Nem uma folha mexia na grande floresta muda. A natureza envolvia-nos no seu manto de serenidade e quietação, mas por entre essa quietação e essa serenidade subia a ameaça do homem. «Se poderemos, não os pouparemos», dizia o homem, a leste. «Não os pouparemos, se os apanharmos», confirmava o homem, ao norte.

Os tambores soaram todo o dia e as ameaças, que o seu rufo anunciava, traduziam-nas os rostos dos nossos companheiros índios. O próprio mestiço, por mais tranqüilo e lanfarrão que quisesse parecer, mal podia ocultar a sua emoção. Nesse dia fiquei convencido, duma vez para sempre, que Summerlee e Challenger possuíam o mais alto grau da coragem, a coragem do espírito científico, que permitiu a Darwin assistir entre os «gaúchos» da Argentina e a Wallace permanecer entre os «caçadores de cabeças» da Malaya. A natureza, misericordiosamente, determinou que o cérebro humano não pudesse pensar ao mesmo tempo em duas coisas diferentes, de maneira que a curiosidade científica exclui as preocupações pela segurança pessoal, no espírito dos sábios. Alheios ao inquietante concerto de tans-tans, absorviam-se na observação da mais pequena ave, do mais insignificante arbusto das margens, com uma atenção viva e loquaz.

As risadinhas sardônicas de Summerlee respondiam ao trovejar rolante de Challenger, ambos tão alheios ao perigo que nos ameaçava, como se um e outro estivessem, pacificamente, discutindo, sentados no salão de fumo do Club da Sociedade de Saint-James Street. E só como pretexto para discussão se ocuparam dos índios, que faziam ouvir o ameaçador tam-tam.

— Cambais, Miranha ou Amajuaca — disse Challenger, apontando para a floresta na direcção, em que os sons se repercutiam.

— Sem dúvida — respondeu Summerlee. — E, segundo penso, são do tipo mongol e falam uma língua polysintética, como os idiomas de todas as tribus indígenas.

— No que diz respeito à língua, o senhor tem toda a razão — concordou Challenger com indulgência — porque não conheço em todo este continente senão linguas polysintéticas, mas quanto ao tipo mongol, duvido.

— Parece-me, todavia — retorquiu ásperamente Summerlee — que o mais superficial conhecimento de anatomia comparada é suficiente para nos mostrar que eles são do tipo mongol.

Challenger, conforme o seu costume, inclinou a cabeça para trás, desdenhosamente e por forma que só se lhe via a barba e a aba do chapéu.

— Com efeito, meu caro senhor pode chegar-se a essa conclusão com um conhecimento

superficial do assunto, mas já não acontece o mesmo a quem tenha conhecimentos profundos.

Lançaram-se mutuamente um olhar de desafio, enquanto ao longe ressoava o murmúrio ameaçador: «Se os apanharmos, não os pouparemos».

A noite, fundeámos, servindo-nos de grandes pedras na falta de âncoras, no meio do rio e tomamos as nossas providências para qualquer ataque eventual. Mas nada de anormal sobreveio. Ao romper do dia recomencámos a viagem e o som do tam-tam foi-se lentamente sumindo, na nossa retaguarda. As três horas da tarde atingimos uma grande cachoeira, de mais de uma milha de extensão, a mesma que tinha ocasionado o desastre que Challenger sofreu, quando da sua primeira viagem. Confesso que a vista desta cachoeira foi para mim muito agradável porque, antes que outra qualquer prova se produzisse, ela corroborava já em parte a descrição que Challenger me fizera. Os índios trans-

ao mesmo tempo o marco fronteiro do meu domínio. Mas não lhe procurem a entrada, porque aqui o mistério chega ao prodígio e nenhuma clareira assinala essa misteriosa entrada. E lá adiante, a algumas milhas para além da ribeira, entre os espessos tufo de algodoeiros, no sitio em que o verde claro dos juncos sucede ao verde carregado do mato, que está a minha porta secreta, que dá para o desconhecido. Partamos e compreendemo-lo tudo.

Atingimos o sitio onde vegetavam os juncos e em seguida, tendo navegado à vara algumas jardas, chegámos a um outro curso de água, pouco profundo, que desliza, plácido e transparente, sobre um leito de cascalho. As suas margens, distando cerca de vinte jardas uma da outra, eram bordadas duma vegetação luxuriante.

Era uma região maravilhosa aquela que iam atravessando, como nunca a imaginação humana poderia conceber. As altas ramagens,

cruzadas e entrelaçadas, formavam por cima das nossas cabeças um túnel de verdura, sob o qual corria a ribeira, já de si tão bela e mais aformoseada ainda pelas cambiantes de luz que, caindo do alto, se filtrava e a doçava através da ramaria. Limpida como o cristal, lisa como um espelho e verde como a aresta dum iceberg, a ribeira prolongava indefinidamente diante dos nossos olhos o seu túnel de folhagem e a cada mergulho dos nossos remos a sua superfície brilhante e lisa encrespava-se em milhares de rugas. Era bem uma avenida apropriada para nos conduzir a um país de maravilhas. Nenhum indício traía a presença do homem nestas paragens, mas os animais pululavam, mostrando-se com uma tal familiaridade que bem se percebia por ela que desconheciam o que fosse um caça dor. Macaquinhos, que pareciam feitos de veludo negro, com uns dentinhos muito brancos e brilhantes e uns olhitos trocistas, tagarelavam coisas incompreensíveis, quando passávamos. De vez em quando, um jacto de água que espandava, denunciava o mergulhar dum jacaré, que a nossa aproximação espantava. Um tapir, durante um curto instante, deteve-se a espreitar-nos por uma brecha do mato, mas logo se afastou, num trote pesa-

do e grotesco, embrenhando-se na floresta. Outra vez, o vulto sinuoso dum puma atravessou rapidamente o silvado e o relâmpago dos seus olhos verdes por um momento brilhou, sinistramente, fitando-nos por cima da espádua fulva.

As aves abundavam, principalmente as aves aquáticas — cegonhas, garças e ibis — reunidas em pequenos grupos, uns azuis, outros vermelhos ou brancos, nos troncos que se projectavam sobre a ribeira. Milhares de peixes, de formas e de cores infinitamente variadas, animavam a água.

Durante três dias navegámos sob este túnel de verdura, crivado de flechas de luz e tão extenso que, olhando-se em frente, não se podia vêr, ao longe, onde acabava a água verde e começava o verde doce que a cobria. A profunda paz que ao redor reinava continuava a não ser perturbada por qualquer ruído, que revelasse a presença do homem.



Nem uma folha mexia na grande floresta muda

portaram os barcos vazios, depois a carga, através do mato, que é muito espesso neste sitio, enquanto eu e os meus companheiros brancos, armados com as nossas carabinas, os protegíamos contra qualquer perigo que pudesse surgir da floresta.

Antes de anoitecer, passámos muitas outras cachoeiras e quando novamente fundeámos, o Amazonas, segundo os meus cálculos, devia ficar-nos já a cem milhas para trás.

No dia seguinte, muito cedo, realizou-se aquilo a que chamarei a grande partida. Desde o alvorecer que Challenger, excessivamente nervoso, inspecionava minuciosamente as duas margens. Subitamente, soltou um grito de alegria e, mostrando-me uma árvore isolada, que se erguia numa das margens:

— O que lhe parece aquilo? — perguntou.

— Que é uma palmeira Assai, — disse Summerlee.

— Exactamente, uma palmeira Assai, que é



— Não há índios, por aqui — esclarecia Gomez — Teem mudo de Curipiri.

— Curipiri — explicava lord Roxton — é o espirito das florestas. O mesmo nome serve também para designar toda a espécie de diabos. Os pobres indigenas crêem que existe por aqui algo de terrível e por isso evitam frequentar estes sitios.

No terceiro dia tornou-se evidente que não poderíamos continuar a subir a ribeira, que pouco a pouco ia perdendo em profundidade, e cujo fundo já por duas vezes tocáramos com os nossos barcos. Puxámos as embarcações para o matto e passámos a noite acampados na margem. De manhã, eu e lord Roxton, fizemos um reconhecimento de cerca de duas milhas, através da floresta, seguindo paralelamente à ribeira e como a sua profundidade ia diminuindo sempre, voltámos para trás certos de que, como já Challenger pressentira, atingiramos o extremo navegável da ribeira. Transportámos para terra os barcos e escondemo-los no sitio mais denso da floresta e para reconhecermos o lugar fizemos um sinal numa árvore, com um machado.

— Professor Summerlee — respondeu elle — dou essas ordens como chefe da expedição.

— Pois sou forçado a declarar-lhe, meu caro senhor, que esse titulo que se arroga é muito contestável.

— Sério?

E Challenger, saudando o colega com profunda ironia, acrescentou:

— Pois então era um favor que me fazia se definisse a minha situação.

— A sua situação é a dum homem cujas afirmações nós vamos verificar. Nós somos para o senhor uma comissão de verificação. O senhor acompanha os seus juizes, eis tudo.

— Nesse caso — disse Challenger, sentando-se na borda de um barco — parece-me que acharão muito natural que eu os deixe continuar o seu caminho e que os siga com todo o meu vagar. Desde que não sou o chefe da expedição não esperem que eu a conduza.

Felizmente, estavam ali dois homens sensatos, lord Roxton e eu, para impedir que a casmurrice de dois sábios nos obrigasse a voltar para Londres com as mãos a abanar.

Mas quantas razões, quantas explicações, quantos argumentos foi preciso empregar para os levar a uma composição! Por fim lá se dignaram pôr-se em marcha. Summerlee escarnecendo e a mordiscar o cachimbo, Challenger a rebolar-se e a resmungar. Por essa ocasião percebemos que os dois sábios nutriam igual aversão pelo dr. Illingworth, de Edimburgo e esta descoberta foi a nossa salvação. Sempre que a situação entre os dois se tornava demasiado tensa, bastava-nos para a normalizar, pronunciar o nome do zoólogo escossês, porque sobrevinha imediatamente, a reconciliação por efeito do ódio comum.

Fomos seguindo, a um de fundo, ao longo da ribeira e em breve verificámos que esta estreitava cada vez mais, tornando-se num insignificante regato, que se perdia num grande pantano coberto dum musgo esponjoso, em que nos enterrávamos até aos joelhos. Mosquitos e outros insectos voadores das piores espécies formavam sobre o pantano uma nuvem sonora. Foi, portanto, com um certo prazer que voltámos a pisar terreno firme, contornando, sob a floresta, o pantano que, a distância, ressoava como um órgão.

A dois dias de marcha do ponto em que deixáramos os barcos, mudou o aspecto da região. Começámos a subir e a floresta, à medida que iam subindo, ia perdendo a sua superabundância tropical. As enormes árvores das planícies de aluvião do Amazonas cediam o lugar às «phœnix» e aos coqueiros, que se erguiam aos grupos, aqui e ali, por entre o matto pouco espesso.

Orientávamo-nos unicamente pela bússola. Duma vez a opinião de Challenger sobre a direcção a seguir foi contraditada por um dos indios e nós concordámos em, segundo as próprias palavras do indignado professor, «fazer prevalecer o instinto falaz dos selvagens sobre

a mais autorizada opinião da cultura europeia moderna».

Bem andámos nós, procedendo assim, porque a partir do dia seguinte, Challenger começou a reconhecer muitos dos sinais que notára na sua primeira viagem e assim alcançámos um sitio onde quatro pedras enegrecidas pelo fogo indicavam ainda um antigo acampamento.

O caminho cada vez subia mais. Levámos dois dias para preparar uma encosta rochosa. A vegetação mudára novamente, só se vendo a árvore de marfim e uma profusão enorme de maravilhosos fetos. Os regatos numerosos que murmuravam, rolando sobre os seixos, marginaes de fetos, conduziam-nos em cada noite a magnificos lugares para estabelecermos o nosso acampamento, à beira de qualquer lagozinho semeado de rochas, onde numerosos cardumes de peixinhos azulados, parecidos na forma e no tamanho com as trutas inglesas, nos forneciam uma ceia saborosa.

No nono dia, depois do desembarque, tendo já andado, segundo o meu cálculo, cerca de cento e vinte milhas, começámos a deixar para trás as árvores, que pouco a pouco se iam reduzindo a arbustos, para entrarmos numa floresta de bambus tão densa que tivemos de abrir caminho através dela com foices e com machetes dos indigenas. Tivemos de caminhar durante todo o dia, desde as 7 horas da manhã até às 8 da noite, para nos livrarmos deste obstáculo, atravessando-o. Não se pode imaginar a acabrunhante monotonia deste tracto. Nas clareiras mais vastas a vista não alcançava além de dez a doze jardas, mas quasi sempre, durante esse tracto, o meu horizonte se limitou ao casaco de cotim branco de lord Roxton, à minha frente, e para os lados, a distância dum pé, ao eterno muro amarelo dos bambus.

Uma delgada réstea de sol deslisava lá de cima, por entre as hastes, cujos penachos de folhas se balançavam sobre o azul do ceu, cincoenta pés acima das nossas cabeças. Não sei que espécie de animais incomodados com a nossa passagem, mas muitas vezes ouvimos perto de nós um galopar, que lord Roxton supôs, pelo ruído que fazia, ser de rebanhos selvagens. Ao anoitecer reentrámos no ar livre e, molidos de fadiga, acampámos imediatamente.

No dia seguinte levantámo-nos cedo. Nova mudança de cenário. Por detrás de nós erguia-se a muralha de bambus, tão alinhados como se seguissem a margem duma ribeira. Na nossa frente estendia-se uma planície ligeiramente inclinada, povoada aqui e acolá por tufos de fetos arbóreos e que terminava por uma elevação arredondada. Cerca do meio dia chegámos ao fim dessa planície, encontrando em seguida um vale pouco profundo que se ia elevando suavemente até uma linha de colinas. Quando subíamos a primeira delas deu-se um incidente cuja importância me abstenho, +++ enquanto, de apreciar.

O professor Challenger caminhava à frente, com dois dos nossos indigenas. De repente, parou e, muito excitado, apontou para um determinado ponto, à sua esquerda: a uma distância de cerca duma milha vimos uma espécie de pássaro enorme e escuro batendo lentamente as asas, rente ao chão, voando tão baixo e tão a direito que mais parecia deslizar, acabando por sumir-se entre os fetos.

— Viram-no? — exclamou Challenger, exultando. — Summerlee, viu-o?

Summerlee, com os olhos muito abertos, fitava o local onde o animal desaparecera.

— O que é que o senhor pretende que aquilo fosse? — perguntou.

— Tudo me leva a crêr que era um pterodactilo.

Summerlee desatou a rir.

— Um pter... quê? Mas era uma cegonha, como tenho visto tantas!



Macaquinhos, que pareciam feitos de veludo negro, tagarelavam coisas incompreensíveis

Em seguida distribuimos por todos nós os diferentes fardos, espingardas, munições, viveres e tenda de campanha, as mantas e tudo o mais, pusemos toda esta bagagem às costas e encetámos então o período difícil da nossa viagem.

Os nossos dois intratáveis companheiros inauguraram esta nova fase da jornada com uma disputa lamentável. Desde o dia em que a nós se juntára, Challenger tinha-se encarregado de dar instruções a todo o grupo, o que provocava o descontentamento de Summerlee. Assim, quando desta vez Challenger pretendeu sujeitar o seu colega à simples obrigação de transportar um barómetro aneróide, Summerlee picou-se.

— Permita que lhe pergunte, meu caro senhor — disse elle não podendo conter-se — em nome de quem e a que titulo toma o senhor sobre si o encargo de dar tais ordens?

Challenger, todo enofrado, mediu-o de alto a baixo com o olhar.

Ver, nos n.º 29, 30 e 31 as condições e prémios do concurso do romance

# P A S S A T E M P O



*Júlia*: — A Geórgia gaba-se de possuir jóias de família.  
*Madalena*: — Olha, o anel que o noivo lhe deu, sei eu que já esteve em três famílias antes de vir ter à mão dela.

## PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo)

		1	2		3	4			
5	6				7		8	9	
10							11		
12					13				14
	15			16			17		
	18	19			20				
21	22		23					24	
25	26							27	
28								29	
30			31					32	
33	34							35	
			36						

**Horizontalmente:**

- 1 Serra muito falada ultimamente. — 5 Palavra latina. — 7 Trabalhoso. — 10 Sultão. — 11 Criminoso. — 12 Quisera. — 13 Segitro. — 15 Duas letras de Eugénia. — 16 Isolado. — 17 Demonstrativo francês. — 18 Nos pássaros. — 20 Advérbio. — 21 Depois de terminar uma carta. — 23 Estrela. — 24 Rio. — 25 Sofrimento. — 27 Existência. — 28 Numa cadeia. — 29 Pecado. — 30 Tempo de um verbo inglês. — 31 Montanha da Thessalia. — 32 Ande. — 33 Tempêro. — 35 Andavas. — 36 Grande país.

**Verticalmente:**

- 1 Um herói da actualidade. — 2 Artigo. — 3 Perversa. — 4 Onde é difícil meter uma lança. — 5 Tio americano. — 6 Lisa. — 8 Afastado da terra. — 9 Em Numancia. — 12 Presta atenção. — 14 Parte de um arreio. — 19 Pelo ar. — 20 De madeira. — 22 Para diversos jogos. — 24 Frutas. — 26 Cidade da Itália. — 27 Divindade da Índia. — 34 Em Lisboa. — 35 Artigo francês.

## NÚMEROS CRUZADOS

(Solução)

3	1	5		6		3	6	7
1	9	2		9		1	2	1
9		5	3	4	1	8		4
4	9		9	7	1	6	9	1
5		7		1	5	1	1	2
7	1	1		1	5	7		3
2	1	6		8	9	1		4

Tome-se o grupo de 7 casas no canto superior da direita. A linha horizontal K tem de ser ou 211, ou 112 ou 121 para somar 4. Complete-se o grupo na linha das 3 casas e verá que só a terceira nos ajudará a resolver a Diagonal (para cima) CC = 12. Assim podemos escrever nesta 7 números como se vê na dita diagonal. A seguir podemos completar a Diagonal F (para baixo) escrevendo 4 no cimo da última coluna. Podemos também completar a Diagonal K (para baixo) escrevendo os dois 1. Depois completaremos as linhas Horizontais S e W e como sabemos que a Diagonal EE (para cima) soma 8 e ambos os algarismos tem de ser iguais, podemos completar esse segundo grupo.

Vamos então enchendo as casas da linha vertical Y, horizontal BB, vertical X, horizontal X, vertical U, diagonal I (para baixo), horizontal P, vertical L, tudo a seguir, e os dois grupos no canto inferior da esquerda ficarão completos. Depois podemos completar a diagonal J (para baixo), diagonal Z (para cima) diagonal L (para cima), vertical A, horizontal A, vertical C, horizontal H, vertical B, diagonal H (para baixo) diagonal X (para cima), horizontal M, diagonal B (para baixo), horizontal Z, vertical N, horizontal Q, vertical R, horizontal DD, horizontal V, vertical D, e tudo ficará completo.

*Ela*: — Não acha que as mulheres faladoras são as mais apreciadas?

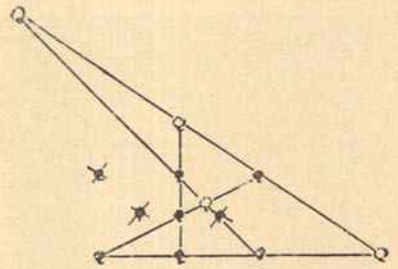
*Ele*: — Então que outras espécies há?



*Lá vem o guarda mais o seu cão. Vêem-nos?*

## A PLANTAÇÃO DO ARVOREDO

(Solução)



As nove árvores pretas no diagrama estão na sua posição primitiva. As três árvores pretas riscadas são as que se hão de transplantar e podem ver-se nos seus novos lugares, juntamente com a décima árvore nova, como quatro árvores brancas.

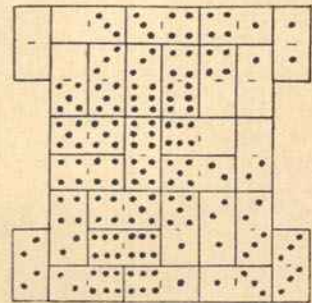
*Salaçar*: — Vi, o outro dia, o Santos. Estava tratando a mulher como eu não trataria um cão.

*Diogo*: — Não me digas isso! Que lhe estava êle fazendo?

*Salaçar*: — Estava a beijá-la.

## OS QUADRADOS DE DOMINÓ

(Problema)



É este um antigo passatempo francês que nos parece interessante. Trata-se de dispor as vinte e oito pedras de um jogo completo de dominó da maneira que a nossa gravura representa, formando todos os números uma série de quadrados.

Assim, nas duas filas superiores, vê-se um quadrado de brancos, um quadrado de três, outro de quatro e outro de azes; na terceira e quarta filas temos quadrados de cinco, de seis, de brancos, e assim por diante. Esta é, de facto, uma solução perfeita, sob o ponto de vista das condições geralmente impostas, mas o que nós agora pedimos é uma disposição de pedras sem brancos nenhuns do lado de fora. Na que aqui está, todos os números, desde o branco até ao 6 inclusivê, se vêem em qualquer ponto da margem.

Poderão formar uma combinação em que os brancos fiquem todos no centro?

# BIBLIOGRAFIA ESTRANGEIRA

H. G. WELLS



Autor de mais de cem obras, produzidas numa trintena de anos e que o consagraram perante todo o mundo culto, Wells é considerado um dos mais altos expoentes da inteligência universal. Fantasia científica, à maneira de Júlio Verne, na sua fase inicial; mais tarde, psicólogo e profundo observador da humanidade; hoje, finalmente, aos 61 anos de idade e no cume do seu talento, revela-se-nos como filósofo da vida. Fundamentalmente estranho ao teor de *The Time Machine* e ao de tantas outras das suas antigas novelas, o seu último livro, *The World of William Glissold, que está sendo objecto de viva discussão, certifica-nos, de flagrante maneira, essa atitude, definitiva, ao que parece, do espirito do grande escritor inglês.*

## REGISTO BIBLIOGRÁFICO SECÇÃO FRANCESA

### LITTERATURA

#### ROMANCES, CONTOS E NOVELAS

- AGREMAN (GERMAINE) — *Gai! Marions-nous*. 12 fr.  
ANET (CLAUDE) — *La Rive d'Asie*. 12 fr.  
AUBAREDE (GABRIEL D') — *L'Ingrat*. 12 fr.  
BAILLEHACHE (CÉCILE DE) — *Une hirondelle dans le jungle*. 12 fr.  
BAINVILLE (JACQUES) — *Jaco et Lori*. 12 fr.  
BOMPARD (JACQUES) — *Le Masque*. 12 fr.  
BAEKELMANS (LODE) — *Binettes* (traduzido do flamengo por J.-D. Jacobsohn). 12 fr.  
BILLY (ANDRÉ) e TWERSKY (MOISE) — *Le Fléau de savoir*. 12 fr.  
BERGE (ANDRÉ) — *L'Amitié indiscreète*. 18 fr.  
BRINGER (RODOLPHE) — *Le Pauvre de ces dames*. 7 fr.

- CHAMPSAUR (FÉLICIEN) — *Entree de clowns*. 10 fr.  
CHIENU (CH.-MAURICE) — *Théa ou Le Chant de Palouette*. 12 fr.  
CONSTANTIN-WEYER (M.) — *Cinq éclats de silex*. 10 fr. 50.  
DELARUE-MARDRUS (LUCIE) — *La Petite Fille comme ça*. 12 fr.  
DAYE (PIERRE) — *La Chine est un pays charmant*. 12 fr.  
DESTÈZE (ROBERT) — *Ao bout do mundo*. 9 fr.  
DEVOLUY (PIERRE) — *La Cevenne embrasée: Le Violier d'amour*. 12 fr.  
DELONKY (THOMAS) — *Le Noble Metier*. (Traduzido do inglês por Abel Chevalley). 10 fr. 50.  
ESPARRES (GEORGES D') — *La Folie de Pèpée*. 12 fr.  
FINN, S. J. (R. P.) — *Ce garçon de bureau*. (Traduzido do inglês pelo Abade Ph. Mazeyer). 6 fr.  
FINN, S. J. (R. P.) — *Le Cupidon de Campion Collège*. (Traduzido do inglês por E. Masson). 6 fr.

- FOIX (CHARLES) — *Les Bassarides*. 20 fr.  
FORMONT (MAXIME) — *Les Trompeuses*. 10 fr. 80.  
GILBERT MARION — *Les Masques de l'amour*. 12 fr.  
HAN RYSNER — *La Vie éternelle*. 12 fr.  
HERMANT (ABEL) — *Les Bargain Sisters. Cyril ou le Solitaire. Pour le meilleur et pour le pire*. 10 fr. 80.  
JOUVE (PIERRE-JEAN) — *Le Mond désert*. 10 fr.  
KUESSAN (MONETTE) — *Croisière autour d'un croiseur*. 10 fr.  
LARRAUD (VALÉRY) — *Fermina Marquet*. 10 fr. 50.  
LOMBARD (JEAN) — *L'Agonie*. 15 fr.  
LANDRE (J.) — *Mlle de Rivère, institutrice*. 12 fr.  
LEVY (JACOB) — *Les Doubles-Juifs*. 12 fr.  
LE GENTIL (RENE) — *Chez oncle Sam*. 10 fr.  
LETRAZ (JEAN DE) — *Ou la vie d'une femme*. 10 fr.

- MARRO (CAMILLE) — *Hélène Barraux, celle qui défiait l'amour*. 12 fr.  
MACHARD (ALFRED) — *Printemps sexuels*. 10 fr.  
MARGELIN (RENE) — *Les Suppliciés*. 9 fr.  
ONELAC (JEHANNE D') — *La fleur d'or, Ana-coma*. 9 fr.  
PASCAL (ERNEST) — *Le Cygne noir*. 12 fr.  
RIBEMONT-DESSAIGNES (G.) — *Clara des jours*. 16 fr. 80.  
RENARD (JULES) — *La Maîtresse*. 12 fr.  
RICHE (DANIEL) — *La Féeerie voluptueuse*. 12 fr.  
SANDOR (KEMRI) — *Promenades d'Anatole France*. 9 fr.  
SABREAU (MARCEL) — *Le Charme de sentir*. 10 fr.  
THERIVE (ANDRÉ) — *Les Souffrances Perdues*. 12 fr.

- VINCENNES (JEAN DE) — *De pauvres vies*. 12 fr.  
VOISINS (GILBERT DE) — *Les Miens*.  
WELLS (H. G.) — *La Recherche Magnifique*. 16 fr.  
ZIWES (ARMAND) e CERTOCINY (FRÉDÉRIC) — *L'Homme qui mourut d'amour*. 12 fr.

#### ENSaios E CRÍTICA

- CHAUVIGNE (AUGUSTE) — *Le Jardin Secret de René Boylesse*. 10 fr.  
GORKI (MAXIME) — *Notes et Souvenirs*. (Traduzido do russo por Dumessnil de Gramont). 9 fr.  
MASSIS (HENRI) — *Raymond Radiguet*. 15 fr.  
MAURRAS (CHARLES) — *Prologue d'un essai sur la critique*. 250 fr.

#### POESIA

- VALÉRY (PAUL) — *Charmes*. 15 fr.

#### FILOSOFIA, MORAL E RELIGIÕES

- BATIGNE (JACQUES) — *Réfutation de quelques objections contre l'Église catholique*. 5 fr.  
BLOUET — *Le Néo-Malthusianisme des catholiques*. 3 fr. 50.  
CARLÉTON NOYES — *Le Génie d'Israël*. 50 fr.  
JAGOT — *Psychologie de l'amour. Les sens, le cœur, l'idée*. 10 fr.  
PIERON (HENRI) — *L'Année psychologique*. 26<sup>e</sup> année (1925) — Bibliothèque de philosophie contemporaine. 70 fr.  
REY (A.) — *Le Retour éternel et la Philosophie de la Physique*. Bibliothèque de philosophie scientifique. 12 fr.  
STANG (ANDRÉ) — *La Notion de la Loi dans saint Thomas d'Aquin*. 20 fr.

#### SECÇÃO INGLESA

##### LITTERATURA

#### ROMANCES, CONTOS E NOVELAS

- ADAMS (SAMUEL HOPKINS) — *Revelry*.  
BELLINGHAM (CATHAL) — *All men count*.  
CAMPBELL (REGINALD) — *The King's Enemies*.  
CARRUTHERS (JOHN) — *A man beset*.  
CATHCART (NEKA COUNTESS) — *Men for pieces*.  
CROSBIE (MARY) — *There and back again*.  
DAVIDSON (JESSIE A.) — *The Return of gloria*.  
GLENN (ISA) — *Little Pitchers*.  
HARNETT (ST. CLAIR) — *The House of a thousand lamps*.  
HEARD (ADRIAN) — *Rose in the mouth*.  
HOW (JOHN) — *The Crusader King*.  
LYNCH (BOHUN) — *Respectability*.  
MAGMAHON (ELIA) — *Wind of dawn*.  
MANNING (DAVID) — *Jim Curry's test*.  
MCCUTCHEON (GEORGE BARR) — *Kindling and Ashes; ou The Heart of Barbara Wayne*.  
NICKALLS (E. PATERSON) — *The Challenge of life*.  
PATMORE (BRIGIT) — *This impassioned on-looker*. 5 s. n.  
REES (ROSEMARY) — *Life's what you make it!*  
RIDGE (W. PETT) — *Hayward's fight*.  
SHORT (ERNEST) e RICKETT (ARTHUR COMPTON) — *The hope strange mystery*.  
YONG (FRANCIS BRUTT) — *Portrait of Clare*.  
WHITAKER (HERMAN) — *The tenderfoot and other Stories*.  
WOOD (S. ANDREW) — *Winged Heels*. 3 s. 6 d. n.

#### ENSaios E CRÍTICA

- MYERS (WALTER L.) — *The later realism: A Study of Characterization in the British Novel*. 10 s. n.  
WEST (EDWARD SACKVILLE) — *The Apology of Arthur Rimbaud*. 2 s. 6 d. n.

#### MEDICINA

- ROBERTS (LYDIA J.) — *Nutrition work with children*. 17 s. 6 d. n.

Tôdas as obras desta secção que não levam preço adiante de cada uma delas são a 7 s. 6 d. n.

As livrarias AILLAUD e BERTRAND dão gratuitamente tôdas as informações ás consultas bibliográficas que lhes sejam feitas e fornecem tôdos os livros nacionais e estrangeiros, sendo estes vendidos ao câmbio do dia

## ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Anual
	Escudos 22\$00	Escudos 44\$00	Escudos 88\$00
CONTINENTE E ILHAS .. .. .	22\$00	44\$00	88\$00
AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL .. .. .	25\$00	50\$00	100\$00
INDIA, MACAU E TIMOR .. .. .	27\$00	54\$00	108\$00
ESPAÑA .. .. .	24\$00	48\$00	96\$00
ESTRANGEIRO .. .. .	32\$00	64\$00	128\$00

**BERTRAND**

**(IRMÃOS) L<sup>DA</sup>**

**OS MAIORES ATELIERS  
DE GRAVURA DO PAIS**

**TRAVESSA  
DA CONDESSA DO RIO 27**

**TELEFONE TRINDADE 96**

**TRICROMIA**

**FOTOGRAVURA**

**ZINCOGRAVURA**

**E DESENHOS**

ARTAL

# LINCOLN

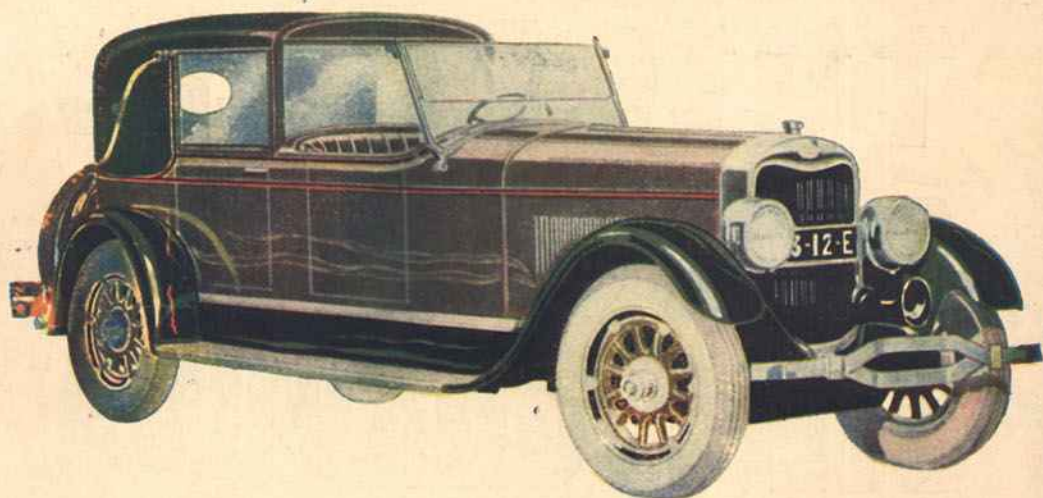
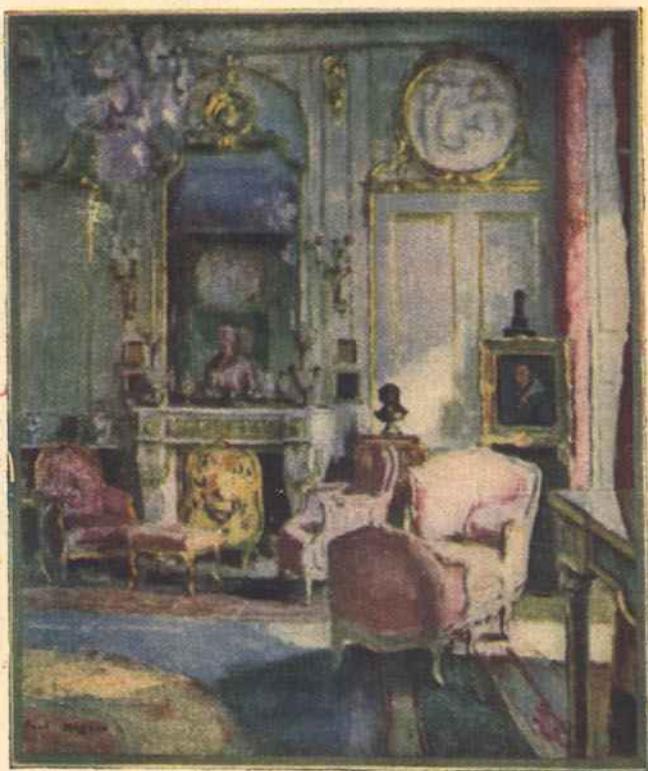
## REQUINTE

O requinte de este interior revela-se em todos os seus detalhes; tudo, objectos de grande perfeição legados pela arte e a indústria da antiguidade. É o salão de um amador de arte que conhece e pôde escolher entre as criações mais belas do homem. O «Lincoln» também foi criado para aqueles cujo gosto requintado sabe escolher o melhor entre uma multiplicidade de ofertas.



SALÕES DE EXPOSIÇÃO NAS PRINCIPAIS  
CAPITAIS DE PORTUGAL E ESPANHA

LISBOA — Orca, Limitada, Rua 24 de  
Junho, 42  
MADRID — Avenida Pi y Margall, 11  
BARCELONA — Diputación, 279



AUTOMÓVILES LINCOLN

AVENIDA DE ICARIA, 149

BARCELONA